REVISTA DA SEMANA

Nº 43

Cr $ 2,00 em todo o Brasil

26 - 10 - 46

JOCKEY CLUB MUNDAN

No flagrante abaixo vemos o Dr. João Borges Filho, Presidente do Jockey Club Brasil entregando a Snra. Carmela Dutra, o cheque proveniente da corrida extra realizada Hipódromo da Gávea, em benefício da Organização dos Voluntários. As outras fotogr foram colhidas pela nossa objetiva na "pelouse" da Gávea, durante os intervalos carreiras de domingo último, que, como sempre, transcorreram num ambiente de e siasmo e alegria.

O CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS DA "REVISTA DA SEMANA"

CONDIÇÕES QUE OS CONCORRENTES DEVEM RETER

O interesse que o nosso concurso permanente de contos tem despertado é a prova de que a iniciativa de REVISTA DA SEMANA, com o intúito de criar entre os seus próprios leitores um corpo de colaboradores, capazes de fixar aspectos da vida, dos costumes, do folclore e da paisagem brasileira, através da ficção literária, do enredo de contos, foi lançada com a maior oportunidade e obteve da parte de todos a melhor compreensão e estímulo. Entretanto, o que ocorre é que muitos contos nos chegam às mãos fora das condições que devem enquadrar o referido concurso, — condições que reputamos indispensáveis e que vamos sistematizar, afim de que cada concorrente, ao remeter seu trabalho, primeiro confira exigência por exigência, no seu e no nosso benefício. Essas condições, que serão repetidas nesta página enquanto nos parecer conveniente, são as seguintes:

— Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sôbre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

— Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

— A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

— Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

— Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "**Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA**".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O NOSSO CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS

Continuamos a receber visitas e cartas de concorrentes ao nosso concurso de peças teatrais ansiosos por saberem o resultado do referido certame. O que nos cabe dizer é que a solução não está própriamente nas nossas mãos, mas nas dos julgadores das peças inscritas, os quais ainda não puderam concluir o seu trabalho. Tão cedo seja lavrada a ata final do julgamento, anunciaremos o resultados, que também desejamos abreviar. Entretanto, reconhecemos e gostaríamos que todos os concorrentes também reconhecessem que essa demora é mais em favor deles do que contra, pois seria bem mais suscetível de ser discutido um julgamento feito de afogadilho, apressadamente, do que uma decisão maduramente pensada e tomada sem nenhuma precipitação. Portanto, esperem os concorrentes, com paciência, a manifestação dos juízes, a cujo critério se subteram ao se inscreverem no concurso e em cuja capacidade de julgamento depositamos a maior confiança.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou, tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* **Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ANTIGOS PARA PRESENTES

Três brasileirinhas filhas de chineses. Não sabem uma palavra da língua de Confúcio e todos os seus hábitos são iguais aos de outras crianças do Brasil.

150 CHINESES PERDIDOS NO RIO!

Os chineses no tempo de D. Pedro II — O 1º imigrante do Celeste Império custou-nos, há noventa anos, a fortuna de 216$000 — O centro Chinês da Praça Tiradentes — O china que esqueceu o seu idioma — Não há comunistas na colônia — Costumes no Brasil dos compatriotas de Chiang-Kai-Shek.

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de NEWTON VIANA.

O maior contingente humano do mundo está representado no Brasil por uma minoria tão insignificante que só as cifras dos relatórios oficiais de imigração nos convencem dessa verdade. A lendária China dos mandarins, das catastróficas inundações dos rios Amarelo e Azul; o Império com História escrita há 4.760 anos, tomando-se em consideração que o Imperador Fu-Hi no ano 2.850 A. C. a organizara; a República de nossos dias com seus 500 milhões de habitantes, tem a menor representação nos quadros da população estrangeira no Brasil. Em todo o território nacional não existem ao todo 700 chineses! Desses, apenas 150 vivem no Rio; 200 estão em São Paulo e os outros vivem perdidos por esses brasís afora! Por que esse desequilíbrio na corrente imigratória da China para o Brasil em comparação com a de outros povos da terra? O leitor, talvez um simpatisante dos soldados que resistiram durante mais de dez anos à invasão nipônica, há de fazer a si mesmo essa pergunta. Deve haver alguma causa histórica produzindo até hoje os seus efeitos. Realmente, esta causa existe.

DONA HISTÓRIA, COM LICENÇA

Recuemos dentro do tempo até o Brasil Império e lá encontraremos a "pedra" que ficou para sempre atravessada no caminho dos chineses que pretendessem dirigir-se para aqui.

A Lei Aurea que a 13 de Maio de 1888, libertou os escravos em nossa pátria, foi apenas o corolário de um movimento que se desdobrou em várias etapas. Desde a supressão do tráfico de escravos da Africa, em 1851, para o trabalho da lavoura, os ministérios foram obrigados a estudar as condições para novas correntes imigratórias. A Academia Imperial de Medicina teve naquele tempo a incumbência de emitir o seu parecer sobre as raças que mais nos conviriam como colonizadores, sob o ponto de vista médico e antropológico. Formaram as correntes de opinião. A maioria opinava pela imigração européia, principalmente a de alemães e italianos. Outros, ainda preferiam o negro, em geral dócil e forte. Uns poucos, entre os quais o Barão de Bom Retiro e o dr. Galvão, Presidente da Secção de Colonização e Estatística de uma Sociedade Imperial, bateram-se pela experimentação de colonos asiáticos, preferencialmente os chins. Foi aí que pegou fogo na cangica. Os chineses que até então tinham sido olhados através do caleidoscópio da curiosidade, passaram a ser vistos debaixo de ângulos os mais desfavoráveis. O dr. Nicolau Joaquim Moreira fez-lhes uma tremenda campanha, pretendendo mostrar, em arrazoados quilométricos, o mal que nos causariam os imigrantes dessa parte da Ásia. Os Conselheiros Manoel Felizardo e Diogo Velho foram outros combatentes contra a imigração asiática e chinesa, principalmente. Apontava-se como exemplo, entre outros, a dissolução que imperava no bairro chinês da cidade de São Francisco, que já naquela data, 1854, contava com 15.000 chineses. Dizia-se também que os chineses não se adaptavam à agricultura, preferindo empregar-se como cozinheiros e pescadores. Apesar de todos os contras fez-se a experiência. Em 1855 chegavam ao Rio de Janeiro os primeiros 366 chineses que pisaram o nosso solo. A autorização fora dada pelo Barão do Bom Retiro. O Conselheiro Manoel Felizardo pagou à casa Sampson & Tapan, com séde em Boston, a importância de 79.000$000 pelos imigrantes, vindos de Cantão.

Mas, segundo o registro da época, a experiência fracassou. Os colonos de chá — como vieram inscritos — em pouco tempo não quiseram mais saber da enxada e se dedicaram a empregos domésticos, restaurantes e à pesca. O Conselheiro Antão, num relatório de 1869, em que explicava às Câmaras o mau sucesso da tentativa, suavisava os seus efeitos, esclarecendo que os chins que aqui chegaram foram indistintamente apanhados pelas ruas de Cantão. Mas o fato é que fracassando a primeira experiência, morreu completamente o desejo de repeti-la. Nunca mais se falou nos chineses e de lá da China, nos chegavam, apenas, via Portugal e Inglaterra, o chá e outras especiarias.

MAS O CHINÊS É PERSISTENTE

Ficou esquecido, mas não desanimou. E aos pouquinhos começou a voltar. As quotas imigratórias continua-

★

Tan Tau-Lau, uma exceção na colônia de chins. O único chinês que não fala a nossa língua. Chegou ao Brasil velho demais para aprender o nosso idioma e depois de ter sofrido muito com a invasão japonesa. A paz que goza aqui é um paraíso para a sua velhice.

Um lindo exemplo de confraternização : Anastacia Gualini, filha de italiano com argentina; Nadir Chan, filha de pai chinês e mãe brasileira, e Elza Liu-Yu, descendente chineses e portugueses.

am severíssimas para os descobridores da pólvora. Basta dizer-se que até há alguns anos atrás podiam entrar no Brasil apenas 30 chineses por ano; nem mais um. E de 1900 para cá começaram a entrar numa média de 30 anualmente. Houve anos excepcionais, como em 1927, em que entraram 272, mas isso foi um fato singular.

Embora as nossas relações com os filhos do Celeste Império sejam as mais amistosas possíveis, havendo dentro do coração de cada brasileiro uma simpatia inata para tudo quanto se relacione com o país das muralhas milenárias, o nosso Departamento de Imigração ainda não chegou a um resultado condescendente para os conterrâneos de Lin Yutang. De 1941 até hoje só entraram no Brasil QUATRO chineses! Daqui fazemos um apelo aos senhores técnicos em etnografia, imigração e outras ciências; por que não haverá um meio de se aumentar a quota da imigração chinesa? Vamos ilustrar o nosso pedido com impressões por nós colhidas no seio da pequeníssima colônia de chins da capital.

PEQUENO POR FORA E GRANDE POR DENTRO

Aproveitamos as comemorações do 35º aniversário da República Chinesa para fazer uma visita oficiosa ao quartel-general da colônia. Quem vê o prédio nº 66 da Praça Tiradentes, com sua modesta aparência exterior, não avalia a sua brilhante vida cultural.

Foi fundado por Rodolfo Chop em 1919, seu primeiro presidente e que ainda hoje é um dos seus mais assíduos frequentadores. No 3º pavimento está instalado o Pekin Club, dependência recreativa do Centro Chinês. A vida social e mundana dessa associação é feita na sua maioria pelos descendentes dos imigrantes. Os filhos e netos de chineses são em grande maioria. Para isso concorre o forte índice de natalidade dos pais que em média não se contentam com menos de 10 filhos. Essa propensão dos chineses para a constituição de famílias numerosas vem de hábitos da terra natal. Lá, segundo nos afirmou um dos agremiados, os cônjuges que não têm filhos "não prestam". E lembrou-nos, a propósito, os costumes da antiga China, permitindo ao marido escolher nova esposa ou mesmo amantes, caso a primeira mulher não produzisse filhos. Por esse motivo parece-nos, à primeira vista, que a colônia é muito maior, tantos são os olhos de amêndoa que encontramos pelas ruas. Mas esses, em geral, são brasileiros, filhos dos imigrantes chineses, quando não são japoneses, raça esta de hábitos completamente diversos.

O VÔVÔ DOS IMIGRANTES

Um dos tipos mais curiosos da colônia é sem dúvida o seu décano. Fomos informados pelo atual secretário do Centro, Sr. Alexandre Chan, que aquele velhinho sorridente era o mais antigo chinês do Rio e talvez mesmo do Brasil. Dirigimo-nos a ele.

— Bôa noite. Somos da REVISTA DA SEMANA e queríamos saber alguma coisa da sua vida. Como se chama?

E, para nosso espanto, ele declarou quase sem sotaque:

— João Nunes, seu criado.

Mas como?! Um homenzinho de pele amarela, maçãs salientes, olhos rasgados, com um nome tão prosáico! Queríamos saber o nome em chinês e ele explicou:

— Ah! "seu" moço, faz tanto tempo que estou no Brasil! Quase 60 anos! Já não sei falar chinês. Nem mesmo escrever meu nome em chinês eu sei mais...

Foi preciso um intérprete para dar o nome no idioma monosilábico: Tiu-Sin. João Nunes ou Tiu-Sin contava tudo isso com grande orgulho. Nasceu em Macau e quando seu pai morreu, um amigo da família conseguiu trazê-lo para o Rio. Desembarcou no porto quando mais acesa estava a revolta contra Floriano Peixoto e um dos seus primeiros empregos foi carregar água e munições aos revoltosos. Mais tarde foi doméstico e anos depois entrou para a Light, aposentando-se depois de 38 anos de serviço. É um tipo muito conhecido nessa Companhia: não há motorneiro veterano que não tenha conhecido o seu col "chinês", o João Nunes. Casou-se, e como todo bom chi é chefe de numerosa família.

ALBERTO ROMI "ESQUECEU-SE" DE UM FILHO

Outro representante característico da colônia é o "tre cuca" Romi. Foi dono de restaurante e hoje, em embirre com o título, é apenas capitalista. Antonio R chegou ao Brasil em 1914 e imitando os seus ancestrais 1855 abriu uma pensão em Aldeia Campista. Da pe ao restaurante foi um passo. Quando lhe perguntam quantos filhos tinha, contou nos dedos e disse-nos: 9, hora da fotografia apareceram 10. Chamado a explica desculpou-se sorridente:

— Tenho tantos que às vezes me esqueço.

O maior orgulho desse chinês simpático e amável seu filho Alberto Romi, que lutou bravamente na FEB, c bom brasileiro, ajudando os nossos soldados a escr páginas de heroísmo nos campos de batalha da Itá Alberto Romi, atualmente estudante de Direito, tem po traços da raça paterna. E o seu modo de pensar e referir-se às próprias coisas da China denota um esp cem por cento brasileiro. Perguntamos-lhe sobre os co mes caseiros da colônia. Ele nos afirma:

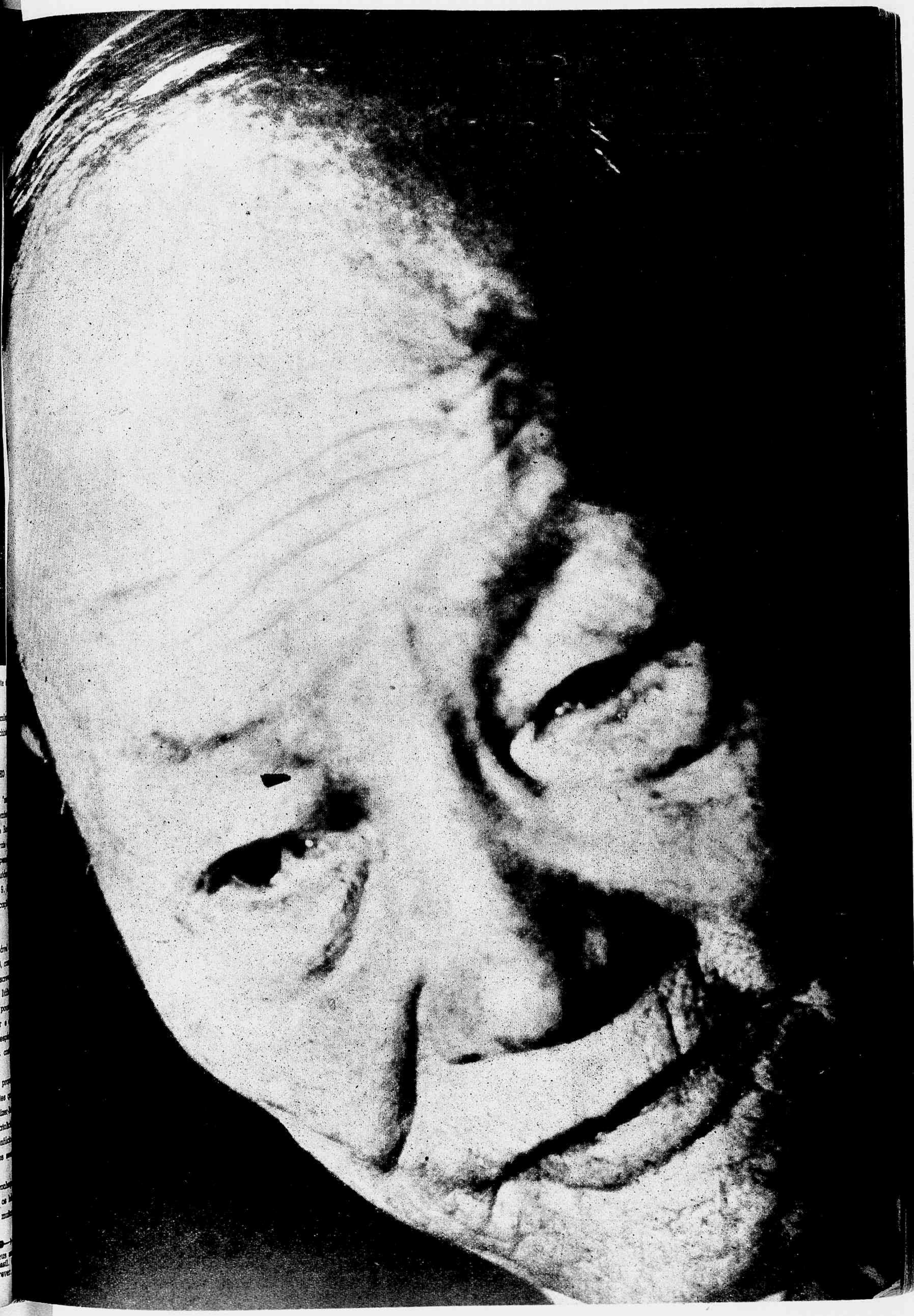
— Posso dizer-lhe sem a menor intenção de pro gandear a raça de papel, que não existem imigrantes q se identifiquem tão bem em nosso meio. Basta dizer que todos se casam com brasileiras e muitos no catol mo, embora a doutrina que professem seja a de Confúcio

— E vocês guardam os costumes da pátria dos s pais?

—Nenhum. Papai abandonou-os todos e não conh nenhuma família chinesa em que sejam praticados os h bitos da velha China. A não ser a comida que, em mui

★

João Nunes, o chinês que esqueceu a língua dos seus p tepassados, depois de quase 60 anos de vida no Brasil. proprio nome em chinês ele não sabe mais escrever.



Duas representantes da mulher chinesa. A da esquerda, Mme. Liu Si-Chang, é esposa do secretário da Embaixada da China nesta capital.

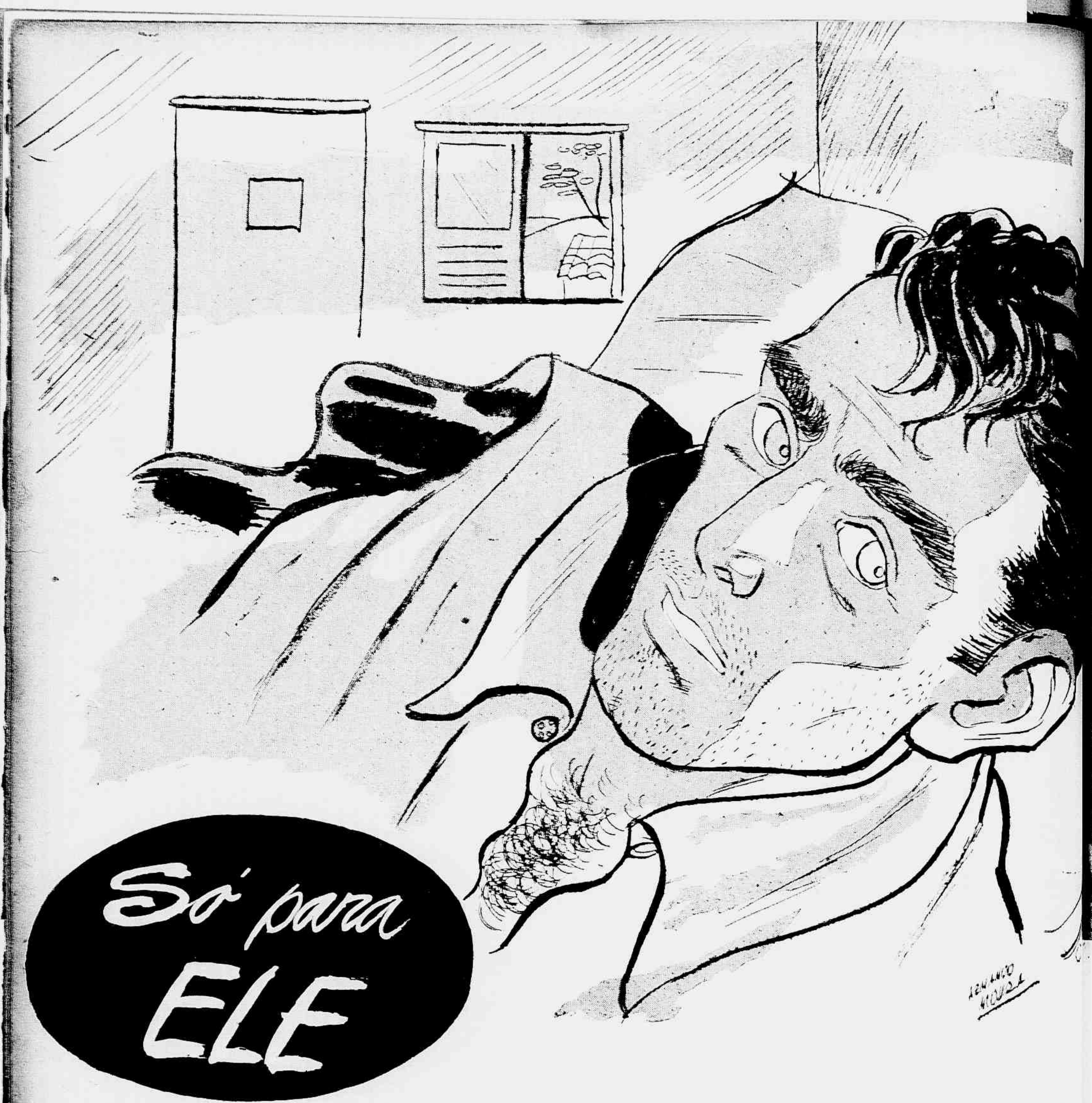
pública. Do seu cruzamento, sempre com brasileiras, saem filhos robustos e essencialmente nacionais.

Quanto a questão de não se adaptarem ao cultivo da terra, cremos que tal suposta indisposição não pôde ainda ser bem avaliada. A China é como o Brasil um país essencialmente agrícola. Talvez tivesse razão o Conselheiro Antão, que informava ter sido recrutados a esmo pelas ruas de Cantão os primeiros chins aqui aportados. E com a quota de entrada de 30 por ano como poderão ser tecnicamente recrutados os lavradores do interior do país? Os que continuam a vir, em tão pequeno número, são pequenos negociantes de cidades litorâneas. Chegados aqui dedicam-se também ao comércio, sendo consequentes ao que faziam na terra natal. Uma seleção racional, feita no seu país de origem, aproveitando os verdadeiros agricultores — a grande maioria da China — só poderá trazer um benéfico auxílio para a nossa lavoura. E embora entrem aqui aos milhares, poderemos dormir descansados sem o receio de formação de futuros quistos raciais.

A CHINA COMO MERCADO IMPORTADOR

As atividades de exportação e exportação do grande país oriental ainda não foram completamente normalizadas após os anos de luta com os seus vizinhos japoneses. Com o advento industrial iniciado pelo seu atual presidente, o generalíssimo Chang Kai Shek, dentro em breve os chineses serão, talvez, o maior mercado importador do mundo, fato que não podemos esquecer e que nos interessa muito de perto. Estamos desde já muito bem colocados quanto às nossas relações comerciais com essa República, pois segundo os dados fornecidos pela Alfândega da China, o Brasil, no primeiro semestre do corrente ano, figurou em terceiro lugar entre os países que mais exportaram para aquela nação asiática. Isso representa um índice sobremaneira auspicioso, pois ficamos atrás apenas da América do Norte e da Inglaterra — nações que pela sua proximidade e colaboração militar com a República de Chang-Kai-Shek possuem mais facilidades e maiores interesses no mesmo mercado. Desde 1881, ano em que foi assinado o primeiro tratado de amizade entre o Brasil e a China, as nossas relações com os filhos do antigo Celeste Império têm sido as mais amistosas. Os republicanos chineses têm um carinho todo especial para com a nossa pátria, pois não se esquecem o fato de ter o Brasil figurado, em 1912, entre as primeiras nações a reconhecerem o regime republicano, logo após a sua proclamação pelo Dr. Sun-Yat-Sen. O chinês é um povo que não esquece fàcilmente os seus amigos e podemos nos orgulhar de merecermos na China o mais alto conceito, — segundo nos afirmaram pessoas do corpo diplomático e representantes da sua colônia entre nós. Em troca, os chineses esperam principalmente que as portas do nosso país se abram com maior amplitude para os seus filhos que desejem vir para aqui como imigrantes. E' um apelo que dirigimos muito especialmente ao dr. Artur Neiva e à sua comissão de técnicos que acaba de ser nomeados pelo governo para estudar na Europa e no Oriente próximo quais os colonos que melhor convém à nossa lavoura e à nossa indústria. Dois tipos especiais de colonos, ao que sabemos, interessam grandemente ao Brasil: o agricultor e o técnico-industrial. Transmitimos nessa reportagem a solicitação que nos foi feita pela pequeníssima e ordeira colônia chinesa desta capital; que a comissão em viagem para a Europa não se esqueça de conhecer o verdadeiro agricultor do interior da velha China. Esse é representado pelo homem do campo que, há várias gerações, na mesma propriedade, vem se dedicando exclusivamente aos trabalhos da terra, ao cultivo do chá, do arroz, da soja e de outros alimentos básicos daquele povo. Estamos transmitindo este apelo sinceramente convictos de que os nossos amigos chins estão com a razão. O colono daquela terra, habituado a sofrer as inundações periódicas dos seus grandes rios, as pragas de gafanhotos que periódicamente arrazam suas lavouras, têm bastante semelhança no seu estoicismo de lutador com o homem do nosso "hinterland". Ambos lutam contra a natureza, a seca, a água, desamparados sem assistência oficial eficiente, sem jamais desanimar, sem desistir, sem fraquejar. Que se olhe com maior cuidado e simpatia para os nossos amigos da China, tão parecidos com o destemido e valoroso caboclo brasileiro, é o que pedem, por meu intermédio, cento e cinquenta chineses perdidos no Rio...

O senhor Rodolfo Chop, fundador e primeiro presidente do Centro Chinês, conversa com um representante da nova geração, filho de um imigrante e que, da raça paterna, guardou sómente os traços faciais. E' um brasileirinho perfeito.



Só para ELE

ELE caminhava desorientado dentro da noite escura. Sem destino, ia onde os seus pés o levavam. Conhecia poucas pessoas na cidade imensa, sem alma. Sozinho não sabia o que fazer para encontrar uma solução para o seu caso. Não tinha amigos que pudessem ajudá-lo. Ninguém lhe dava emprego, parecia até que nem o viam pelas ruas. O seu aspecto estava ficando desagradável. Roupas sujas, rasgadas em alguns pontos. Um penteado viste mandava os seus cabelos escuros. Rugas, como estradas do tempo, nasciam o seu rosto em vários sentidos. E o pior era que o seu coração acompanhava a sua aparência extrema, começando a se encher de uma grande tristeza, mansa e resignada. No entanto como viera cheio de ilusões e de sonhos. Ao chegar trouxe consigo uma grande provisão de planos e de esperanças. Mas depois... tudo foi acontecendo de uma maneira diferente do imaginado. A primeira dificuldade que tivera foi no encontrar um método para se abrigar quando caíam duas horas e meia debaixo de chuva. Finalmente encontrou um quarto onde mal cabia um pequeno leito, no qual os lençóis eram tão curtos como uma repartição bem guardada — E ali, em sua primeira noite em seu novo destino, ele ideou, como um novo Cesar a conquista rápida daquela cidade imensa. Edificou, naquele quartinho miserável, palácios luxuosos, onde damas de deslumbrante beleza dançavam com cavalheiros rigorosamente trajados, rodopiando em valsas elegantes que o transportavam a uma região de sonho e encantamento. Uma melodia quase divina, parecendo vir de regiões desconhecidas, era ouvida e admirada por todos. E era ele extremamente ele, que fazia sair de um grande piano aquelas notas que arrancavam delirantemente os ouvidos. E quando terminava, os pares, depois de se separarem, proporcionam em palmas ruidosas, aclamando o seu nome como um artista raro e genial. E ele humildemente agradecia, mas sentia o coração cheio de contentamento, de uma alegria louca, que o fazia ver tudo radiante. Nesse momento sentia uma leve pressão no braço. Ao voltar-se seu rosto uma jovem tão bonita que a imaginou logo em sua imaginação romântica, a uma rainha que tivesse nascido das nuvens em "Mil e uma noites" e nesse momento de todos os grupos da terra. Ela começou a falar mas ouvia de seus lábios se moverem normalmente, ouvia-se apenas uma música muito vaga e sentida. Mas nesse momento não sabe o que sucedeu um grande pulo daquela vida da terra e ele em

ouvise, lembrando de que não estava em nenhum palácio mas num miserável quarto duma miserável pensão. As pulgas o incomodavam bastante. Mas continuava a imaginar coisas. Já se via aclamado como o maior artista de piano daquela grande cidade. O seu nome e o seu retrato apareciam, quase diariamente, nos jornais acompanhados de adjectivos elogiosos, acentuando sempre que apareceu afinal um homem digno de executar as peças idealizadas pelos maiores mestres de todos os tempos. Mas nada como um barulho lá na porta para nos despertar de poesias devaneios. Um hóspede importuno bateu na porta de seu quarto enganando-se com o número. Ele provocando inqüietude assustou-se explodiu ao indivíduo que se apoiava na parede do corredor pareceu estar bêbado que devia haver um engano. E quando tudo se normalizou foi deitar-se e afinal dormiu. No dia seguinte percorreu vários lectos. Quando lhe perguntavam qual o seu domicílio e profissão a sua resposta atrapalhava sempre que sentiam muito mas não havia lugar. Nos dias seguintes o mesmo sucedeu. No fim de dois meses qualquer trabalho de semana, bastante que tivesse o dono tempo para ouvir em alguns lugar sossegado alguma música que levantasse de novo o seu ânimo para a

dura, atordoante luta pela existência. Não podia mais procurar os seus exercícios predilectos. Nem para comer mais quanto mais para pagar um professor. Ultimamente para não morrer de fome começara a vender bilhetes de lotaria pelas ruas. Mas isto mal dava para pagar "sandwiches" e para pagar o aluguel de seu quarto onde dormia com ele mais três indivíduos. Em seus momentos de pior desânimo pensava em voltar para a sua cidadezinha distante onde a noite ele tocava alguma coisa para a pessoal ouvir. O seu que era o maior pianista do lugar, todas as tardes lá estava, cuidadosamente pacientemente para poder chegar aos ouvidos dos "professores" acostumados mas a sofisticadas ondas de algum bombardeio "swing" os acordes de notas que grandes gênios reuniram, sem saber o que estavam compondo qualquer coisa de grande e imortal. E ele nestes momentos se transfigurava. A sua fisionomia apresentava uma aparência imaginária sonho. Mas — ninguém sabe porque — gostava — comparava daquele pequeno número de admiradores e queria levar sorte numa cidade maior. Deixou o emprego no Correio, reuniu as suas

Continua na pág. 47

Conto de EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE * Premiado no concurso da "REVISTA" * Ilustração de ARMANDO MOURA

Jack "Butch" Jenkins, o "garoto-revelação" de "A Comédia Humana" e de "O Roseiral da Vida". Joan Leslie, considerada "a estrela de amanhã". Ela brilhou com a Warner Brothers e se desligou dessa campanhia, descontente com os papéis que lhe davam...

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

As "estrelas" de amanhã, segundo os exibidores norte-americanos.

Por LUIS SERRANO (Nosso correspondente especial nos Estados Unidos).

HOLLYWOOD, outubro — Os exibidores norte-americanos fazem anualmente, um depoimento interessante, num concurso promovido por uma das publicações cinematográficas de maior projeção, subordinado ao título "The Stars of Tomorrow". Destina-se esse certame a fixar os nomes dos atores e atrizes que se projetarão sensacionalmente no ano seguinte. As respostas são baseadas no interesse dos frequentadores dos cinemas através do território americano, desde as grandes cidades, como Nova York, com seus oito milhões de habitantes, aos mais remotos lugarejos do interior, onde há escassamente uns oito mil habitantes e um cineminha que funciona dia sim, dia não. Apuradas as respostas verificou-se que as maiores simpatias se inclinam para os nomes de Joan Leslie, atriz que fazia parte

(Continua na pág. 55)

Zachary Scott, que muitos alcunham "o novo Clark Gable", é um cínico incomparável, como demonstrou em "A Máscara de Dimetrios" e em "Alma em suplício"

A ESCRITORA, O JORNALISTA E OS ORIGINAIS — "Nunca escrevi um romance, mas sei que isso é um romance..."

Há gente na "fila" para ler a continuação de "...E o Vento levou"!

Um livro que possivelmente nunca será publicado, com cerca de quatrocentas mil palavras e a regeneração de Scarlett O'Hara — Margaret Mitchell protesta contra a intervenção de sua colaboradora brasileira no destino dos seus personagens — Fala à REVISTA DA SEMANA a infeliz autora, D. Amélia Rezende Martins.

Texto de AUGUSTO AGUIAR

Fotos de ARNALDO VIEIRA

JAMAIS Margaret Mitchell poderia supor, quando colocou o ponto final no vasto romance-folhetim que se chamou "...E o vento levou", que ali não terminavam as aventuras dos seus personagens — Scarlett, Melanie, Butler, Rhett, Lorena e quetandos — teriam um fim muito diferente do que ela lhes dera. Não que eles — os personagens — tivessem se sobreposto à autora e determinado novos destinos para suas vidas. Mas é que, a milhares e milhares de milhas dos Estados Unidos, nessa mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, uma senhora, já bastante idosa para aventuras literárias e possivelmente ilusões na vida, resolveu que Scarlett e Rhett deveriam cruzar novos caminhos do mundo.

Tara, a fazenda, deveria progredir, tornar-se a mesma feliz e alegre, dos anos antes da guerra civil. Nova Orleans seria palco de muitas outras festas e as mulheres, com seus vestidos de rendas e seus escravos, comentariam, mais uma vez, a leviandade de Scarlett e sentiriam piedade pela sina triste de Rhett. E, depois de tudo cinematográficamente, a reconciliação: Scarlett e Rhett felizes, beijando-se, novos filhos para o casal, paz e tranquilidade no Sul.

DOIS reporteres da REVISTA DA SEMANA descobriram um fato curioso e inédito na história literária moderna: a estranha continuação de um romance norte-americano por uma escritora brasileira de livros infantis. Trata-se do prosseguimento de "...E o vento levou" em 347 mil palavras e cuja publicação foi proibida pela autora da primitiva história de Scarlett O'Hara, Margaret Mitchell, sob a alegação — bastante justa, aliás, — de que apenas o autor é dono do destino de seus personagens. Nesta reportagem se revela, pela primeira vez no Brasil, a existência de o "Amanhã é um outro dia", livro onde tudo acaba bem e que talvez jamais seja lido pelo público.

AS MIL PREOCUPAÇÕES DE D. AMELIA

Quando o crepúsculo cata sobre o bairro de Laranjeiras, à hora em que os namorados trocam confidências, dona Amélia deixava sua cadeira na sala de jantar e se refugiava no quintal. Dali poderia ver o Cristo, já iluminado a essa hora, e suas preocupações tomavam vulto. Nem mesmo as palavras depois do jantar, quando o acadêmico Afonso de Taunay lhe repetia que ela precisava escrever um romance brasileiro tirava-na de suas

mil preocupações. E, com jeito, fazia as visitas falar naquilo que, há meses lhe perseguia e que lhe interessava como a nenhuma outra pessoa no Brasil: o destino que deveria caber a Scarlett O'Hara. E a sombra da personagem de Margaret Mitchell passou a viver ao seu lado, fazendo companhia nas noites insones, palestrando nas madrugadas úmidas e sugerindo-lhe a idéia de escrever uma história. Uma história que completasse o primeiro ciclo de suas aventuras e que a redimisse perante milhões de pessoas que tinham lido ,...E o vento levou''. Um novo destino para a personagem alheia passou a constituir a obcessão de d. Amélia. Idéia fixa que a levou a repetir alto, falando sózinha, frases de Scarlett e a usar roupas como a figura criada por Mitchell, e até servir à sua mesa pratos típicos do sul dos Estados Unidos.

OS SEIS MESES DE OBSERVAÇÃO

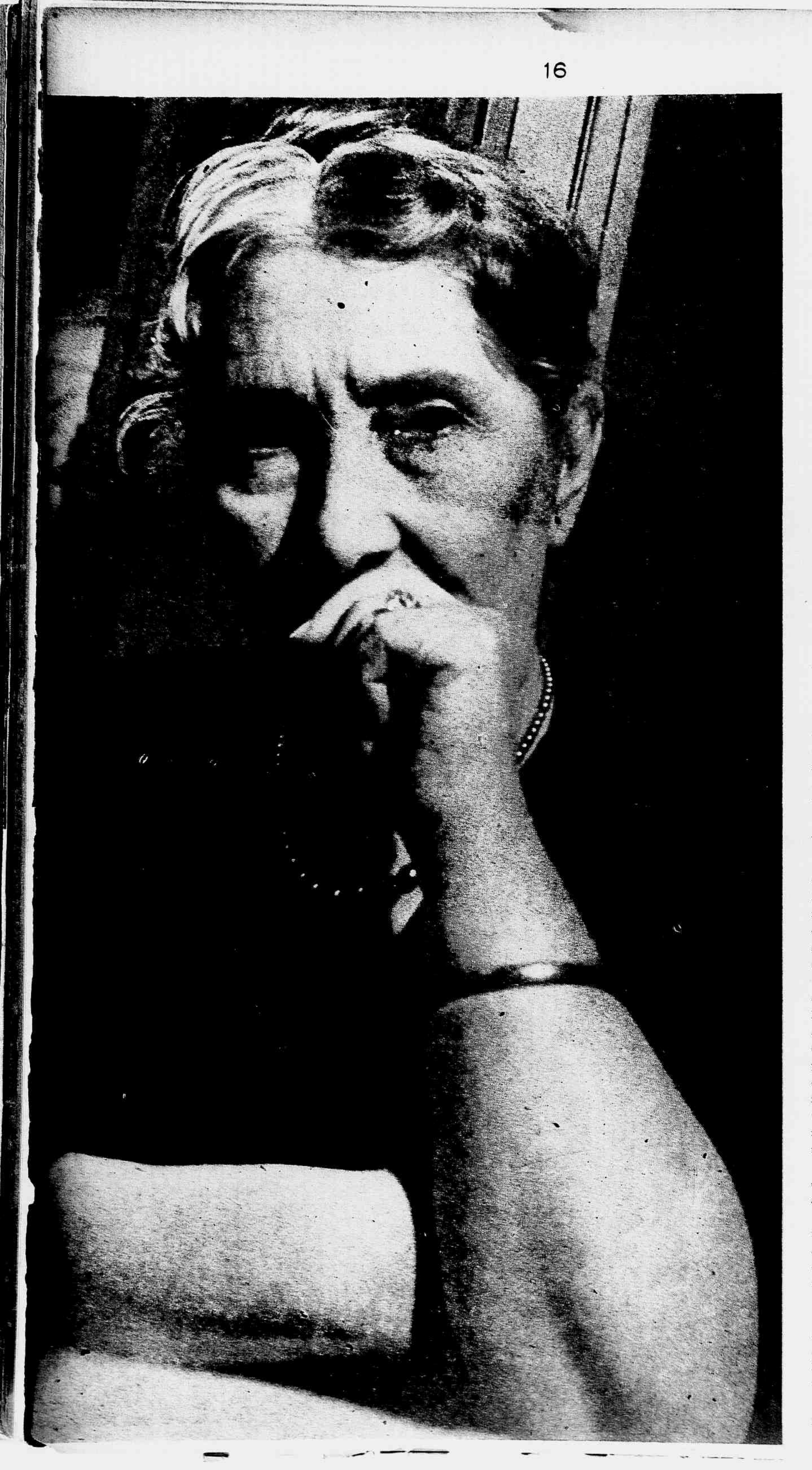
Incontestàvelmente, "...E o vento levou'' tornou-se um sucesso de livraria em nosso país. O romance foi lido, relido, treslido por quantas cabecinhas vasias frequentam a praia do Flamengo ou passeiam aos domingos pelas ruas de Maceió. Embora desprezado pelos intelectuais — o contista Dias da Costa, por exemplo, tem horror que se pronuncie perto dele o nome do romance — o fato é que as edições sucessivas do livro o consagraram. Fato semelhante se repetiu com o filme tecnicolorido de quatro longas horas de projeção. E discussões nasceram no solar da rua Sebastião Lacerda, 70, quanto ao fim da obra. O sr. Afonso de Taunay achava que aquilo era propriamente um "fim'': o marido subindo as escadas e Scalett só, abandonada, indecisa. A copeirinha risonha e morena, que servia café e licores, também era daquela opinião: o livro parecia que fora cortado, sofrera uma solução de continuidade. E dona Amélia Rezende Martins, natural da cidade de Campinas, São Paulo, maior de sessenta, vacinada, autora de uma dúzia de livros para crianças, de uma biografia de seu pai — "Um eminente realizador'' — e de um romance ainda inédito — "Destino'' — sorria, pois não desejava revelar a ninguém o seu grande segredo. O fato é que ela tomou a decisão de enfrentar a máquina de escrever e de traçar novas vidas para as personagens de Margaret Mitchell. Às vezes, consultava as amigas e ia recolhendo opiniões. Isso foi há cerca de dois anos atrás, e depois de seis meses, durante os quais d. Amélia se dedicara ao estudo dos caracteres de Scarlett e Rhett, bem como à observação da vida norte-americana nos anos posteriores à guerra da Secessão.

DONA AMÉLIA NÃO DARÁ ENTREVISTAS

São três horas da tarde no Rio de Janeiro e há uma penumbra discreta na sala de jantar do prédio número 70 da rua Sebastião Lacerda. Dona Amélia sorri para o fotógrafo e se nega a posar:

— Sou pouco fotogênica...

MARGARET MITCHELL (numa foto autografada): — "Só eu posso decidir que fim terão os meus personagens''...



E depois para o repórter:

— E' inútil insistir. Não darei entrevistas. Mesmo porque os senhores costumam revelar coisas que não devem ser reveladas.

Insistimos com d. Amélia. Sorrimos vários sorrisos convencidos e demos várias explicações. Antes de tudo, porém, ela desejava saber quem nos havia relatado a história de o "Amanhã é um outro dia". Citamos nomes vagos que a deixaram satisfeita. E seriam cinco horas quando conseguimos derrubar as muralhas de desconfiança que ela nos havia levantado. Mostrou-nos os originais, com essa alegria muito natural nos autores: 823 páginas datilografadas, contendo cerca de 347 mil palavras. Depois, resoluta, falou:

— Esta que aqui lhe conta a história de o "Amanhã é um outro dia", não é Amélia Rezende Martins e sim Vivian Vernon...

— Vivian Vernon?

— Sim. Meu pseudônimo literário. O senhor sabe que nós brasileiros temos por costume desprezar os autores de nome nacional. Quis fazer o mesmo que Nelson Rodrigues que deixou de ser Nelson Rodrigues para ser Suzana Flag e escreveu com esse nome americano de mulher "Meu destino é pecar". Assim, eu deixei de ser Amélia para ser Vivian Vernon, que durante muitos meses conviveu intimamente — em pensamento, devo acentuar — com Scarlett e habitou a fazenda de Tara. Mas isso não tem grande importância. O fato é que o livro foi escrito e eu, que nunca havia escrito um romance, escrevi isso (... as mãos de d. Amélia nos mostram os originais) que é um romance.

A SIMPLES HISTÓRIA DE UM ROMANCE

Quando apareceu, em edição portuguesa "...E o vento levou", dona Amélia sentiu-se atraída pela onda de comentários em torno do livro. Começou então a desejar escrever uma série de análises sobre os personagens. Munida de seus conhecimentos de psicologia entrou em campo. Dentro em pouco sabia quase que de cór todos os detalhes do livro e era capaz de encontrar uma toalha de rosto no guarda-roupa de Scarlett O'Hara ou a navalha velha de Rhett. Perfeitamente se identificara com o drama e os tipos. Daí em diante, tudo se tornou fácil. Uma máquina de escrever foi posta em ação. E, no curto espaço de três meses, duas semanas e dois dias precisamente, as 823 páginas foram escritas.

Duvidados do curto espaço de tempo empregado nessa tarefa e d. Amélia ofendeu:

— Ora, pois eu escrevo de manhã à noite... "Destino", meu segundo romance, que é muito maior que o "Amanhã é um outro dia", foi escrito em cinco semanas, tendo apenas 92 capítulos...

— E depois, d. Amélia?

— Depois? Bem, depois de escrever o livro mostrei a alguém de meus amigos. Afonso de Taunay gostou imensamente. Disse-me que eu devia mandar logo para publicação. E o tema do "Amanhã é um

AMÉLIA REZENDE MARTINS: — "Em três meses, duas semanas e dois dias de esforço inútil".

Uma recordação de "...E o Vento Levou" no cinema: Clark Gable e o finado Leslie Howard nos principais papéis masculinos.

outro dia" foi crescendo. Tirei umas seis cópias e emprestei-as às minhas amigas. Uma era, por sinal, cunhada do sr. Rogério Pongetti, o editor, e me apresentou a esse senhor. Desejava, é claro, publicar o romance, dando assim uma oportunidade a todas as pessoas que estão interessadas em saber o fim de Scarlett e que ficaram indecisas ante o epílogo precipitado e confuso que Margaret Mitchell deu ao seu romance. Todavia, aquele senhor me afirmou que o livro só poderia ser publicado com autorização de Margaret Mitchell. Procurei, então, uma agente literária, a senhora Carlota Rosenfeld, e ela escreveu para os Estados Unidos. A resposta da escritora americana foi sêca: "só eu posso decidir que fim terão os meus personagens". Desta forma o romance está sendo apenas emprestado, datilografado, a algumas de minhas amigas. Imagine o senhor que muitas pessoas já estão na "fila", esperando a vez de ler o "Amanhã é um outro dia". Infelizmente, Margaret Mitchell não permite que eu entregue aos editores a continuação de "...E o vento levou", o que, para mim, e para o público leitor, é muito triste. Imagine só um livro escrito parte por uma norte-americana e parte por uma brasileira! Seria estreitar ainda mais os laços culturais que unem os dois países.

O "AMANHÃ É UM OUTRO DIA"

D. Amélia explica o título:

— Todo o dia tem um amanhã. E não era justo que o último dia de Scarlett O'Hara fosse aquele em que ela se apresentava vencida e humilhada. Era preciso reagir. E o primeiro capítulo começa: "De cabeça erguida, enfrentando a desventura, Scarlett sentia todo o seu ser preso a qualquer coisa que lhe inundava de consolo o coração. Vozes vinham de longe! Insistentes! Cantantes! A voz paterna, enérgica, dominadora: Tára! Tára!... A terra, Katie Scarlett, é como o seio materno!..." Comecei onde Margaret Mitchell parou e o enredo prossegue. Scarlett, depois dos funerais de Melaine, vai para Tára. Alí luta continuamente, procurando fazer ressurgir a fazenda. Loraene, morre. Em Atlanta os mexericos fervem e Rhett, sem tornar a ver a esposa, leva uma vida de desespero.

Aí, então, o livro se torna um romance filosófico. Procedo ao estudo do caráter dos personagens. A seguir, de filosófico o livro para a ser histórico: conto a vida

Vivien Leigh, a famosa atriz inglesa, que contribuiu para popularizar a figura de Scarlet O'Hara e que podia vir a viver de novo o papel da atrevida sulista em "Amanhã é outro dia", se Margaret Mitchell permitisse...

ROGERIO PONGETTI: — "Nenhum editor poderá lançar a continuação de "...E o vento levou". Talvez fosse golpe, se alguém pudesse editar..."

de Abrahão Lincoln e de outros grandes americanos. Também é descritivo: há cenas lindíssimas de festas em Atlanta e em Nova Orleans. Para melhor desenvolver o trabalho, dividi o romance em 9 livros. O primeiro se chama "Alma de Mulher" e contém 9 capítulos. Nele análiso o espírito de Scarlett O'Hara e se revela a vontade dela de lutar e não se deixar vencer pelos acontecimentos. No primeiro capítulo desse livro: "Na Encruzilhada da Vida": Scarlett resolve voltar para Tára. No segundo capítulo: "Funerais", representa-se a cena do sepultamento de Melaine. E assim continua até o segundo livro: "Uma fibra que desperta", quando Scarlett se sente plenamente possuida do desejo de fazer algo de útil na vida: isto é reconstruir Tára. Tem o segundo livro seis capítulos com os seguintes títulos: "Terra carminada! Terra de sol!", "Wade Hampton Hamilton", "No alpendre de Tára", "Ronda das Folhas Mortas", "Filosofia da velha Sabá" e "Inquietação".

Dona Amélia se interrompe. Seus braços se dirigem para o céu:

— O livro é belíssimo! Não tenha a menor dúvida. Em "Ronda das Folhas Mortas": Scarlett O'Hara sentada ao alpendre da casa senhorial de Tára olha os horizontes. Escute este trecho: "No céu desenhavam-se prenúncios de tempestade. Os ramos do arvoredo, em desatino, se dobravam. O assobio intermitente do vento parecia, por vezes, um apito modulado ou o gemido trespassante da sereia do navio em alto mar. Rajadas loucas fustigavam os galhos todos numa direção única... Uivando, furiosamente em sua música de terror, desfolhava as árvores, arrastando as folhas mortas em desvairado redopio! Scarlett, indiferente acompanhava-lhes as fantásticas evoluções. Súbito, o corpo vergado para a frente, as narinas dilatadas, o olhar esgazeado, levou as mãos ao seio, a agarrar o coração que parecia sair-lhe pela garganta. As folhas, numa ronda sinistra transformavam-se em figuras humanas. Ramos verdes, arrancados pela ventania

se armaram em graciosa crinolina, e em ela, no frescor da meninice, que passava, num requebro ondulante, arrastando um cortejo imenso de admiradores. E o ulular mais rijo do vento impeliu para seu lado uma feiticeira negra que lhe augurou sarcasticamente ao ouvido: "Tua vida está presa a um homem de cabelos negros".

A FILOSOFIA E O LINGUAJAR DA PRETA

— Mas, não lhe darei todo o romance, nem lhe contarei detalhadamente toda a história, que é para não perder o interesse — acentua d. Amélia. Se o senhor quiser ler aqui estão os dois primeiros livros. Leia depressa e me devolva, pois tem muito mais gente na "fila" que também quer ler e o senhor é um homem de sorte por não ter que esperar a sua vez. Mas, lhe conto mais um pedacinho só: depois da ronda das folhas mortas, Scarlett está lançada ao chão: um trapo humano, em verdade. E' quando surge a babá lhe dando conselho e lhe recriminando: "Cruis Crédo (Nota do reporter: estamos transcrevendo "verbis ipsis verbis" um trecho da página 10 do capítulo XI)! Num fala isso qui é pecado, minha fia... Nosso Sinhô nos acuda! Té a gente precisa di si benzê! Sie cridita, Miss Scâlet. Nem isculiei ele falá... Tudas gente é iguá, minha fia... Dize qui num cridita... Num cridita, condo as coisa vai tudo bem, qui tudo tá cuntente, si adivertindo. Mas condo chega asdisgraça, minha fia, tudo si agarra dêrêtinho cum Nosso Sinhô pidindo pra acudi! Nosso Sinhô é cumo o Sol! Num inxerga só quem nun qué vê. Qui é qui a gente tem qui nun arrecebeu di Nosso Sinhô? Mas pra um achá Nosso Sinhô percisa fazê coração mole e deixá Nosso Sinhô achá êle... Isculta bem o qui eu vou falá, Miss Scâlett. Isculta bem: Mecê isqueceu tudas coisa qui mamãe insinou pra mecê desde piquitinha ansim... Mecê si isqueceu qui in Nosso Sinhô é qui a gente deve di si incostá..."

— E depois d. Amélia?

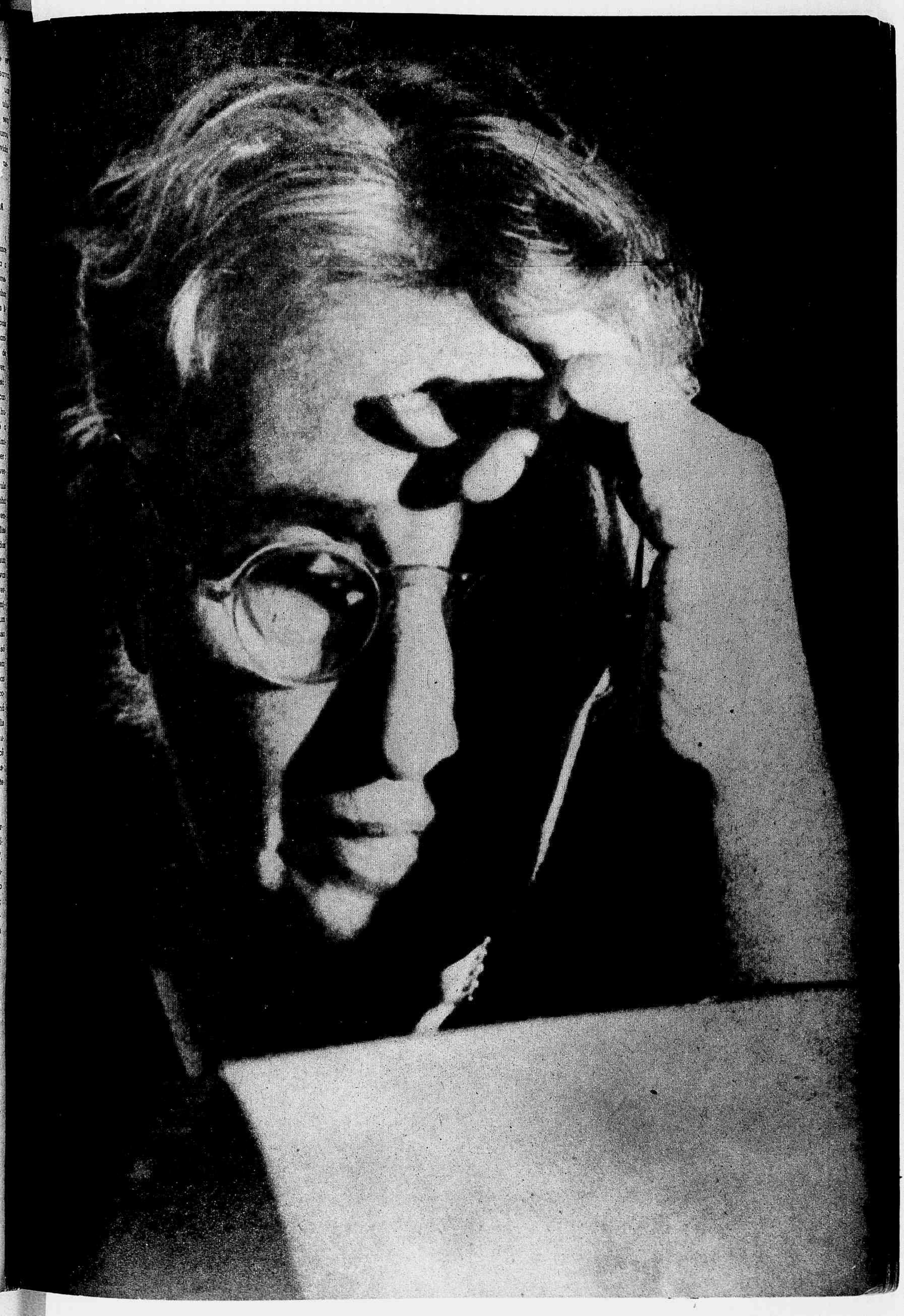
— Depois são os outros livros. O terceiro — "Visão Sinistra", com seis capítulos; o quarto: "Triunfo e Derrocada", com cinco capítulos; o quinto: "Documentação Histórica", com cinco capítulos; o sexto: "Ladeira Escarpada", com cinco; o sétimo: "Novo Calvário", com sete capítulos; o oitavo: "Energia Antiga", com cinco capítulos; e finalmente, o nono: "Os povos felizes não têm história", com dois capítulos.

— E o enredo?

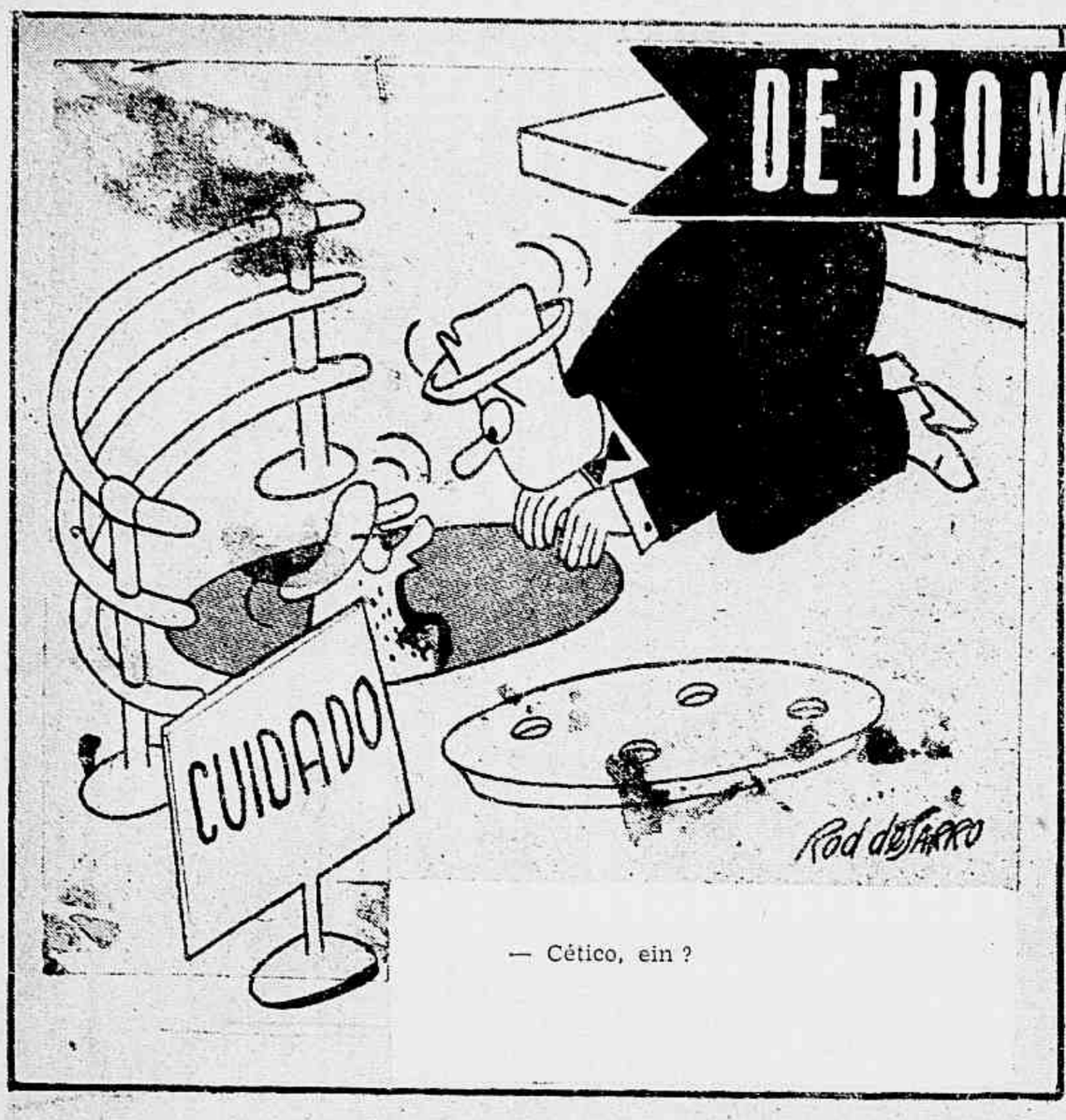
— Bem, durante todo o livro Scarlett O'Hara se reabilita e Rhett a procura inutilmente. Até a metade do romance ela, por sua vez, continua como uma incompreendida, sendo vítima da maledicência. No último livro, ela manda chamar Rhett: o amor havia vencido e ela se humilhara. Rhett chega e ela, de pé como uma criada, a espera. Há um diálogo violento e no fim, eles terminam se reconciliando: serão felizes cada um com o amor do outro, dali por diante.

(Continua na pág. 52)

A autora de "Amanhã é outro dia", posa para o nosso fotógrafo. A continuação da obra de Margaret Mitchell é dividida em 9 livros e 41 capítulos: 347 mil palavras ao todo!



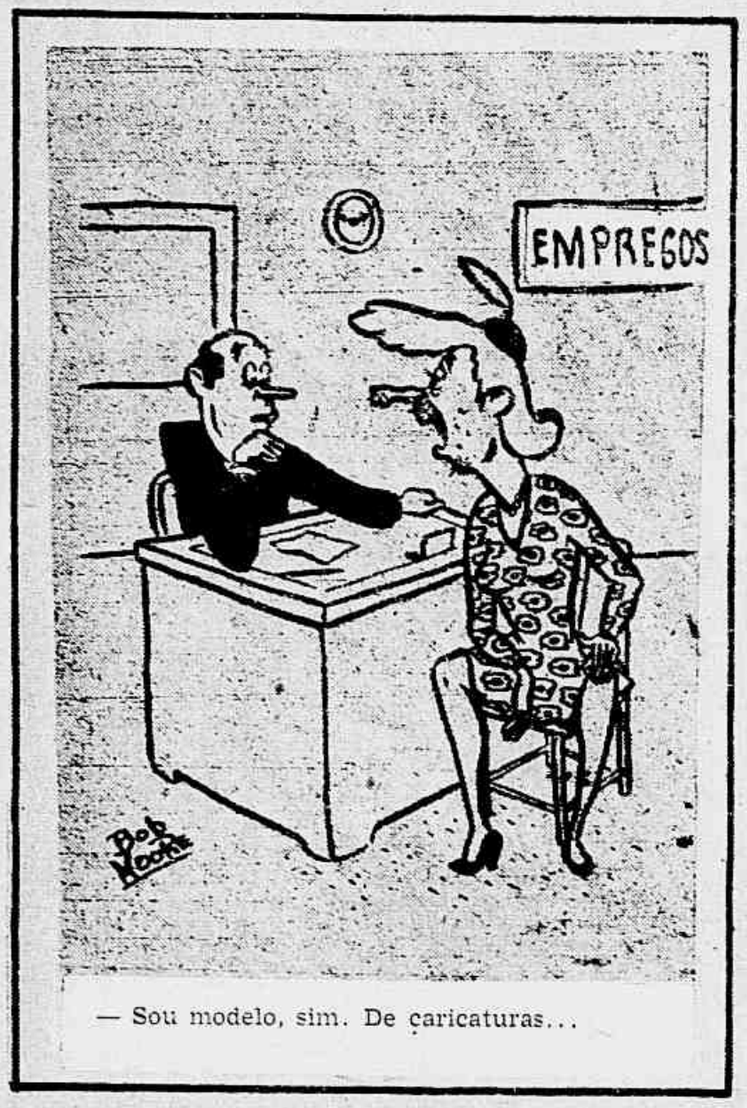
DE BOM HUMOR



— Cético, ein ?

OS MENINOS-PRODIGIOS

— Está tudo certo, professora... Mas agora eu quero discutir é ions e eletrons e um pouquinho de desintegração do átomo...



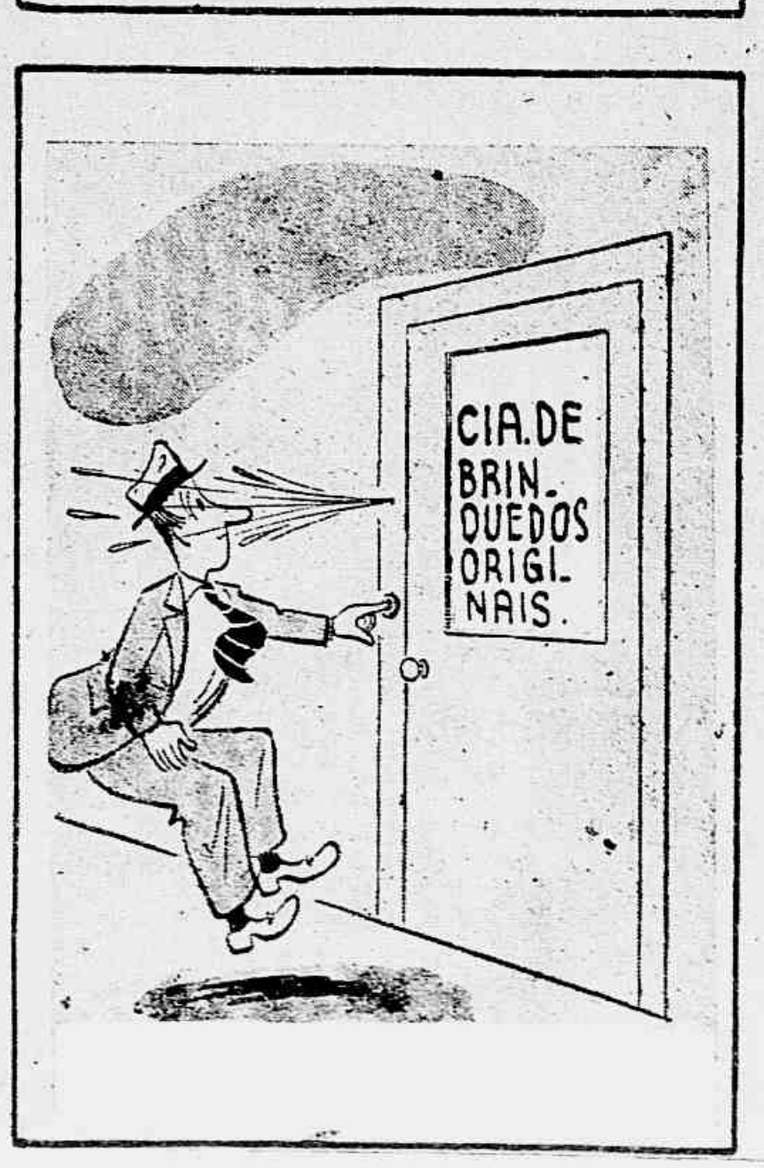
— Sou modelo, sim. De caricaturas...

— Entre. Creio que temos alguma coisa que pode lhe interessar...

— Mamãe não precisa pagar mais ao professor de música... Eu já o despedi.

OS MENINOS-PRODIGIOS

— Tome ! E agora trate de dormir de uma vez...



— Bolas para o que você aprendeu nos Estados Unidos ! Está aí em que deu a sua mania da calefação...

LIGIA SARMENTO é uma desertora do teatro, em que se firmou como "estrela" da Companhia Jaime Costa, representando brilhantemente em várias peças de grande repercussão, como "O Gosto da Vida", de Maria Jacinta, "Uma loura oxigenada", de Henrique Pongetti, e outras obras, nacionais e estrangeiras. Sua estréia se deu aos dezesseis anos, no Teatro Lírico, como ingênua de uma grande companhia de comédias, que tinha Leopoldo Fróes e Chaby Pinheiro como figuras centrais. A peça de estréia foi "Seu marido", de Paul Geraldy e Robert Spitzler. A essa altura, entretanto, era já uma precoce declamadora, com alguma prática de enfrentar o público e de se fazer aplaudir. De triunfo em triunfo, ascendeu Ligia Sarmento a uma posição de alto destaque no mundo teatral e percorreu todo o Brasil, em vitoriosas "tournées". Mas, ao casar e tornar-se mãe de família, — suas filhinhas são dois verdadeiros amores, — disse adeus ao teatro e à vida artística. Entretanto, insistentes convites de Victor Costa e Floriano Faisal foram arrancá-la do seu lar para que aceitasse um convite para participar do rádio-teatro da Nacional. Desde então, Ligia Sarmento tem interpretado algumas centenas de peças, novelas e programas. Ela própria se fez autora de novelas de rádio, que conseguiram agradar em cheio. Talvez nunca mais volte ao teatro, mas diz ainda hoje que o palco e a pintura são as duas grandes paixões de sua vida...

RODOLFO MAYER, o brilhante ator dramático, que o nosso público acaba de aplaudir sucessivamente, no Fenix, em "Ternura", "Perfídia" e "Luz de Gás" (esta última peça muito justamente considerada pela crítica um dos maiores, senão o maior sucesso desta temporada), despediu-se do teatro há cerca de quatro anos, em razão de alguns aborrecimentos sérios, para colocar-se à frente do elenco de rádio-teatro da Nacional, na dupla função de diretor e de intérprete. Rodolfo Mayer conquistou, logo, uma grande popularidade, através da sua atuação em várias novelas e programas dramáticos. Maria Sampaio conseguiu interessá-lo de novo no teatro, atraindo-o para a homogênea companhia que mantém no Fenix, mas isso não quer dizer que Rodolfo Mayer tenha deixado a PRE-8. Ao contrário, continua atuando diàriamente em programas da Rádio Nacional, que lhe dá, entretanto, as folgas necessárias ao ensaio de seus papéis e para a realização das vesperais e espetáculos noturnos. Rodolfo Mayer conta 36 anos de idade, pois nasceu a 4 de fevereiro de 1910. Deve a Oduvaldo Vianna sua estréia no palco, em São Paulo. Foi galã da companhia de Procópio e criou, magistralmente, as peças "Yayá Boneca" e "O maluco nº 4". Sua estréia no rádio foi na Record, de São Paulo, num programa do Centro XI de Agosto. Também tem atuado no cinema nacional e fez o papel de Tiradentes no filme histórico "Inconfidência Mineira", produção da Brasil Vita Filme, orientada pela atriz Carmen Santos.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

MANÉZINHO ARAUJO, que vocês conhecem como o "Rei da Embolada", é natural da cidade de Cabo, em Pernambuco. Conta trinta e seis anos, pois nasceu a 10 de setembro de 1910. Sua atuação no rádio vem de longa data, tendo feito sua estréia na Mayrink Veiga. Pertenceu ao "cast" de quase todas as emissoras cariocas e conhece o Brasil inteiro, através de bem sucedidas "tournées" artísticas. Sua bagagem musical é das mais numerosas, o que lhe garante uma boa renda de direitos autorais. Nos dias que correm, Manézinho Araujo integra o "cast" da Rádio Tupi, onde apresenta, diàriamente, a "Bola embolada", composição humorística baseada num fato do dia. E, ao microfone PRG-3, lançou, recentemente, com Dircinha Batista o samba de sua autoria "Gabriela e Benedito", composição em que se patenteia a "verve" expontanea desse festejado cantor de emboladas. Sua atuação no cinema nacional tem sido das mais felizes, estendendo-se por vários filmes, como "Maria Bonita", "Tristezas não pagam dívidas", "Laranja da China", "Céu Azul", etc. "Asas do Brasil" seria outro dos seus filmes, se não fosse o incêndio nos estúdios da Sonofilmes, que devorou essa produção de Roulien. Pisando o palco dos teatros às vezes em festivais, Manézinho Araujo é um virtuoso na ribalta, na tela e no rádio. Entre seus artistas preferidos, na constelação radiofônica, ele cita Silvio Caldas, Dircinha Batista e Araci de Almeida. No cinema, prefere Bette Davis, Greer Garson, Ingrid Bergman, Spencer Tracy e Clark Gable. Em futebol é Flamengo cem por cento, não perdendo uma partida em que seu clube se empenhe.

AURORA DE BARROS, cuja voz é bastante conhecida de quantos acompanham os espetáculos de rádio-teatro da Rádio Globo, nasceu a 27 de dezembro de 1922, em Lisboa, Portugal. Veio para o Brasil como contratada da Companhia de Beatriz Costa, à qual pertencia, na qualidade de bailarina. E, tamanho foi seu aproveitamento na difícil arte da dança que não foi sem relutância que Beatriz consentiu no seu desligamento do elenco. Aurora de Barros, tendo feito um "test" para rádio-teatro com Amaral Gurgel, satisfizera plenamente e fôra contratada pela PRE-3, onde ainda se encontra. Seu verdadeiro sucesso no rádio, deve-o aos papéis de Manoela na novela "Imigrantes", e Maria Tereza, em "Memórias do Rio", embora tenha tomado parte em todas as histórias seriadas da Globo, a partir de "O passado não volta". A exclusiva da PRE-3 pesa cinquenta e dois quilos, tendo 1m,64 de altura. Gosta imensamente de teatro. Maria Sampaio, Elsa Gomes, Rodolfo Mayer e Procópio Ferreira são seus artistas preferidos. Também aprecia o cinema, sendo "fan" intransigente de Bette Davis, Ingrid Bergman, Clark Gable e Charles Boyer. Quanto à literatura, sua preferência recai em Eça de Queiroz, José de Alencar, Camilo Castelo Branco e Voltaire. Não gosta nem um bocadinho de futebol, por julgá-lo violento demais. Em compensação aprecia e pratica a natação. Suas cores prediletas são o rosa e o verde. Sua maior ambição é trabalhar no cinema, o que espera que aconteça dentro em breve.

Na vida comercial do Rio de Janeiro de outrora, e tambem na de dias, mais proximos, figurou, em gráo util se modesto, quem se chamou honradamente Luís Maria Pipa de Mesquita.

Era um homem ás direitas e como ele dizia, a brincar "do tempo de emprestar dinheiro sem recibo e de ser pago no dia marcado", provavelmente depois Mesquita sabendo não haver que fiar em documentos com firma reconhecida.

Mesquita era um português de lei na expressão de antigamente equiparando a probidade ao ouro de legitimos quilates.

Por ultimo era Mesquita conhecidissimo e preg do á comercio tendo este por centro de negociações o fim da rua da Quitanda e adjacencias.

Naquele centro era Mesquita, figura diaria, todos lhe estimando a lhaneza de trato, o carater franco. Um abraço de Mesquita valia por inteira sinceridade.

Instruira-se o comerciante por conta propria, muito dado a leituras de bons autores. E da bem cultivada lingua portuguêsa do seculo passado.

Centralisava Mesquita sua admiração em Alexandre Herculano a cuio valor literario rendia tanto preito quanto ao seu natural de homem inamolgavel.

Mesquita sabia o *Eurico* o *Presbytero* de cór e salteado. Era vêl-o recitar com emoção e calor de vóz, sobretudo recitando sem falhar palavra os mais belos trechos do *Eurico*, de prosa tão a geito de epopeia.

Nas letras brasileiras prezava Mesquita, Casimiro de Abreu e talvez por influencia de relações com um primo do poeta do qual seu parente conhecera vida e particularidades de familia.

Por sua vez, com bôa memoria, Mesquita recordava Casimiro de lembrança nas letras portuguêsas nelas memorado por escritores quais Camillo, Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas, o segundo prefaciador de uma edição de *As Primaveras*. Titulo loução de livro de poeta desaparecido aos vinte anos de idade.

Vinte anos e morrer...

O primo de Casimiro residente no Rio de Janeiro, e amigo de Mesquita, faleceu em nossa cidade, deixando viuva, D. Paulina Miranda da Cruz Abreu.

Por intermedio do prestimoso Mesquita, conhecemos aquela Senhora a quem o marido bastante disséra do primo Casimiro. Em companhia de Mesquita, foi-nos dado ouvi-la dizer do parente afim. Informa-nos D. Paulina acerca de Casimiro na sua modesta residencia da praia de São Cristovão, residencia cujo arranjo mostrava bem que a casa tinha dona cuidadosa do seu.

Laços e tradições de familia tinham instruido o marido de D. Paulina Abreu a respeito do primo Casimiro, a genitora deste de bastante sobrevivencia ao filho.

D. Luisa Joaquina das Neves Abreu, segundo D. Paulina, fôra Mãe de quatro filhos, Maria Joaquina, Casimiro, Carolina, falecida com cinco anos, Albina, casada com Francisco José Marques de Abreu, dono ou pelo menos morador na Quinta dos Carvalhães nas cercanias de Guimarães e Santo Thyrso, frequesia de Santa Maria das Oliveiras.

A qual das irmãs se referiu o poeta no prefacio de *As Primaveras*, dizendo a saudade a sua primeira musa?

Casimiro de Abreu — (Janeiro 1839 - Outubro 1860)

Apareceu esta a Casimiro, aluno do Colegio Freese em Nova Friburgo, quando o colegial fugindo a companheiro, se entregava á contemplação de uma tarde descendo sombra a sombra a terra em tristesa crepuscular. Lembrou-se o menino da casa paterna, de ser nesta a hora da merenda, parecendo-lhe ouvir as risadas da mana pequena. Vieram lagrimas aos olhos do privado de lar, do prisioneiro de internato. Chorou e no pranto achou a fonte de seus primeiros versos, *As Ave-Marias*.

A não ser em infancia, Casimiro pouco viveria na fazendola do Indaiassú, mandado a estudos em Nova Friburgo, a pratica comercial no Rio de Janeiro, e em Portugal, passando por fim de novo ao Rio de Janeiro para voltar a Indaiassú onde Marques de Abreu Pai em breve expiraria sem tempo de acolher todo o exito do livro de estreia do filho.

Livro de estréia de autor fadado a morrer em breve, deixando a mãe por herdeiro, de As Primaveras. Tal se manifestaria ela recorrendo á justiça publica.

Quando em Lisboa, Casimiro transferira a Antonio José Fernandes Lopes o direito de imprimir e vender edição de *As Primaveras*.

Morto o filho, D. Luiza Abreu moveu ação no fôro carioca contra Lopes por introduzir e vender no Rio de Janeiro uma edição de *As Primaveras* mercadejada na livraria de Silva Lopes á rua da Quitanda.

Em face das provas produsidas nos autos pelo livreiro e em face da lei, o juiz municipal da 2.ª Vara Civel da Côrte, Dr. José da Silva Costa, o futuro conselheiro de Estado, teve de decidir contra a herdeira materna de Casimiro.

Um dos considerandos da fundamentada sentença merece especial destaque mostrando a Poesia nas malhas do Direito.

Negando a indenisação de quatro contos de reis pleiteada pela viuva Marques dos Reis, apoiado nas Ordenações do Reino, á mingua de codigo civil patrio, e no parecer de praxistas o juiz mostrava que Casimiro, menor de 16 anos podia entretanto contratar a publicação e venda de suas poesias.

Na sentença Silva Costa s bre o caso das poesias de Casimiro de Abreu era lembrado que em relação a tal especie de bens, o filho familia seria reputado *pater familias* ao atingir quatorze anos completos.

Em dezesseis andava Casimiro a contratar com Silva Lopes.

Nota curiosa a assinalar no co[illegible] da causa em que era autora a vi[illegible] Marques de Abreu. Na causa o [illegible] da querelante recebeu juridicamente [illegible] tratamentos de "poeta Casimiro, [illegible] muito conhecido poeta Casimiro [illegible] Abreu", o fôro desacostumado de [illegible] designações nas suas montanhas [illegible] processos.

A viuva Marques de Abreu [illegible] cedora da ação por ela intentada [illegible] esperança de alguma proveito pe[illegible] niario.

Teriam a viuva e suas filhas [illegible] sem a propriedade rural do Inda[illegible] onde Marques de Abreu Senior [illegible] culturára depois de negociante?

Falecido o chefe da familia, Ca[illegible] fazendo-lhe vezes de pai, parece [illegible] tido intenção de não sair logo do [illegible] daiassú que ao seu combalido organ[illegible] podia oferecer ares salutiferos.

Um dos autografos de Ca[illegible] possuidos por D. Paulina de A[illegible] fortalece o nosso modo de pensa[illegible] vista da seguinte carta datada do pr[illegible] prio Indaiassú.

"Illmo. Snr. Manoel Antonio [illegible] drigues Machado — Indayassú, [illegible] Abril 1860 — Prezado Snr. — Agr[illegible] deço-lhe muito o favor que me fez [illegible] encomendar e mandar para o Rio [illegible] Janeiro a caixa de insectos e sua [illegible] portancia segundo me disse de 53$[illegible] — cincoenta e tres mil réis — q[illegible] aqui lhe remetto incluso.

Agora vou fallar-lhe sobre um po[illegible] delicado que só por escripto posso fazer.

E' publica e notoria desintelligenc[illegible] havida entre meu fallecido Pai, [illegible] Mcê. e o Snr. Sebastião, não en[illegible] nem quero entrar na analyse dos acon[illegible] tecimentos que a isto deram motivo.

Meu Pai queixava-se amargamente [illegible] dizer ter muita razão. Julgo pois s[illegible] da minha dignidade e do meu caract[illegible] de bom filho, respeitar-lhe os s[illegible] desejos e vontades.

Não há de certo entre nós, que pou[illegible] relações temos tido, ressentimento [illegible] offensa de especie alguma; espero q[illegible] esta carta não seja considerada co[illegible] rompimento de hostilidades.

Podemos, guardando e respeita[illegible] as devidas conveniencias, viver [illegible] como bons e pacificos visinhos, co[illegible] tanto que não nos prejudiquemos, q[illegible] directa, quer indirectamente.

Fará o favor de mandar esta c[illegible] ao Snr. seu Pae, pois assim poupa[illegible] o trabalho de escrever-lhe.

Desejo-lhe a melhor saude e as ma[illegible] res venturas, como quem é com est[illegible]

De. V. Mce.
att.º vor. e criado obo.

Casimiro José Marques de Ab[illegible]

A carta é de 23 de Abril de 18[illegible] a 18 de Outubro desse ano, Casi[illegible] já não existia. A sua visinhança era [illegible] famulo junto ao do pai no cemit[illegible] da Barra de São João.

A carta de 23 de Abril honra os se[illegible] mentos do signatario. Resta saber [illegible] mutua desavença de Abreu Se[illegible] com seus visinhos. Questões de te[illegible] tão comuns na roça? Ofensas pesso[illegible]

Nada quiz esposar Casimiro de Ab[illegible] sem desrespeitar memoria paterna.

Mostrou-se Casimiro desejoso de p[illegible] manecer, temporariamente ou não, [illegible] sitio do Indaiassú para viver em paz [illegible] que lhe restava viver doente como [illegible] sentia.

Com tal intuito aos desafetos do pai [illegible] ofereceu Casimiro um ramo de Oliveira [illegible] Fica em suspenso saber se o ramo fo[illegible] aceito e o gesto do ofertante foi co[illegible] preendido.

E S C R A G N O L L E D O R I A

CASIMIRIANA

A esquerda — ESTER : — Para conquistar a felicidade é preciso coragem, coragem de saltar e tu, minha pobre Marta, não fostes feita para esse gênero de exercício. A direita : ESTER : — Vamos, confesse. Esta noite estou de um bom humor admirável, aproveite. Sinto-me disposta a ouvir todas as confidências... vamos confesse...

"FRENESI"

Peça em três atos de C. PEYRET-CHAPPUIS, em tradução de BRICIO DE ABREU.

Um novo elenco, o dos "Artistas Unidos", estreiou brilhantemente no Regina, com a peça em três atos "Frenesi", obra vigorosa e moderna do teatro francês. A interpretação da Sra. Henriette Risner Morineau, no papel central, foi largamente elogiada pela crítica.

A peça, logo às primeiras cenas, delineia o caráter de diversos personagens que, com o desenrolar da trama, vão sendo marcados frotemente. Ester é uma solteirona tida, até então, como exemplo na família. Marta procura-a para aconselhar-se quanto à solução de um problema amoroso. Apesar de seu marido, Etienne, proporcionar-lhe todo o conforto, está interessada em outro homem, por quem se julga loucamente apaixonada. Naquela tarde esse homem a espera para fugirem. Ester habilidosamente, incita-a à fuga. Depois do abandono do lar, surge Aurélia, irmã de Ester, que atrás de uma porta ouvira todos os maus

ETIENNE — Uma notícia assim tão brusca, tão cruel... Chegar em casa uma tarde qualquer, esperando encontrar a família, os filhos e...

A esquerda — MARCOS : — Eu bem sabia que você não era feliz, que você tinha um coração que a fazia sofrer... Não diga nada, Ester, peço-lhe. Estou tão bem assim... A direita — ETIENNE : — Não fechará a porta à chave ? ESTER : — Não sei... Farei o que você quiser... Eu...

ESTER : — E' inútil. E' inútil. Não se insultem. Isto é bastante ridículo.

A esquerda — MME. COQ : — Que significam estas atitudes extravagantes ? A mim não me enganas. Tens alguma coisa ! A direita — MME. COQ : — Ele te beijou ? Teve a ousadia de te beijar ? Afinal, responde sim ou não ? Amanhã ele terá de ir embora, estás ouvindo ?...

DISTRIBUIÇÃO :

Ester	**Henriette Morineau**
Etienne	**Alvaro Aguiar**
Aurélia	**Luiza Barreto Leite**
Marta	**Flora May**
Mme. Coq	**Maria Castro**
Estefânia	**Cléa Suzana**
Marcos	**Dary Reis**
Um garoto	**David**
A criada	**Maria Luiza**

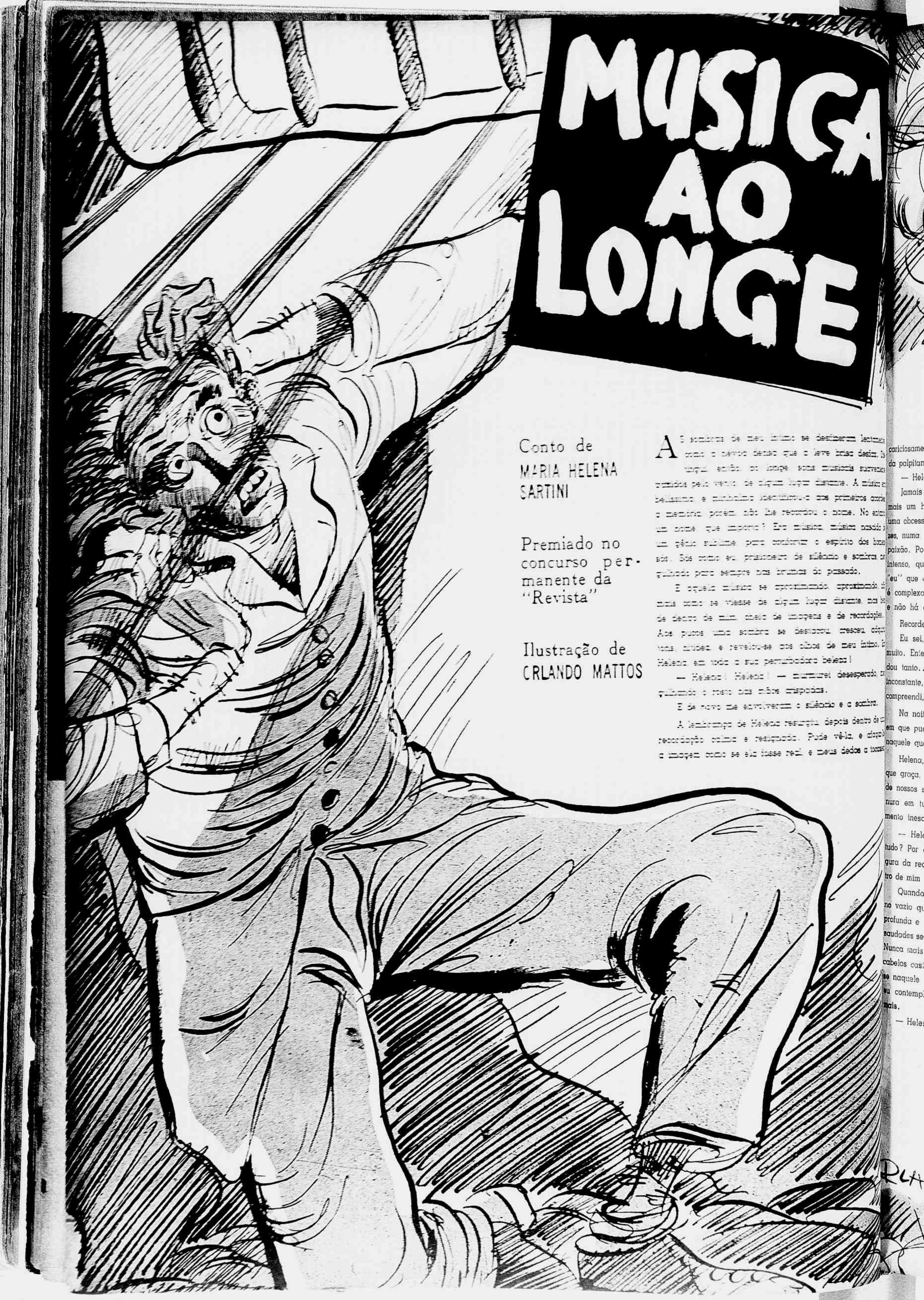
Direção de Henriette Morienau

conselhos dados a Marta. Surge entre elas violenta alteração, na qual Aurélia tenta arrancar da irmã o motivo que a levara a induzir Marta a fugir.

O choque recebido por Etienne com o gesto de sua esposa é tremendo ! Ester fortalece-o nesse transe, em que viu sua felicidade ruir inesperadamente. Aurélia, invejosa e intrigante, observa, às escondidas, as transformações que se passam no íntimo de Ester e de Etienne. Após apenas seis meses da fuga de Marta começam a cristalizar-se as aspirações de Ester. Etienne viu-se durante esse tempo cercado pela teia invisível e forte da sua personalidade e termina dominado. Declara-lhe sua paixão, esquecendo a outra, que nunca fora nada na vida. A princípio, Ester confessa-lhe que não o ama e repele o que ela diz considerar uma oferta fora de tempo para os seus anseios. Para que ela se enterneça, é preciso que Marcos, mais

Continua na pag. 56

ETIENNE : — Nada poderá impedir que você seja minha, afinal !



MUSICA AO LONGE

Conto de
MARIA HELENA SARTINI

Premiado no concurso permanente da "Revista"

Ilustração de
ORLANDO MATTOS

A sombra de meu irmão se debruçara lentamente sobre o berço deixado que a leve brisa desfizera. Do vulgar estrído do longe sons musicais surgiam trazidos pelo vento de algum lugar distante. A música era bellíssima e simbólica rememorava aos primeiros acordes o saudoso passado. Não lhe recordava o nome. No entanto que importa? Era música, música nascida num gênio sublime para acordar o espírito dos homens. Sob outro ex. prisioneiro de silêncio e sombra ficaram para sempre nos brumas do passado.

E aquela música se aproximava, aproximava-se como se viesse de algum lugar distante, mas lá de dentro de mim, cheio de imagens e de recordações. Aos poucos uma sombra se desenhou, cresceu, alguma coisa nublou e revelou-se aos olhos de meu íntimo, Helena em toda a sua perturbadora beleza!

— Helena! Helena! — murmurei desesperado, afundando o rosto nas mãos crispadas.

E de novo me envolveram o silêncio e a sombra.

A lembrança de Helena resurgiu depois dentro de um recordação calma e resignada. Pude vê-la, e alguma imagem como se ela fosse real, e meus dedos a tocasse

A sombra de meu irmão se debruçara lentamente sobre o berço deixado que a leve brisa desfizera. Do vulgar estrído do longe sons musicais surgiam trazidos pelo vento de algum lugar distante. A música era bellíssima e simbólica rememorava aos primeiros acordes o saudoso passado. Não lhe recordava o nome. No entanto que importa? Era música, música nascida num gênio sublime para acordar o espírito dos homens. Sob outro ex. prisioneiro de silêncio e sombra ficaram gravados para sempre nos brumas do passado.

E aquela música se aproximava, aproximava-se como se viesse de algum lugar distante, mas lá de dentro de mim, cheio de imagens e de recordações. Aos poucos uma sombra se desenhou, cresceu, alguma coisa nublou e revelou-se aos olhos de meu íntimo, Helena em toda a sua perturbadora beleza!

— Helena! Helena! — murmurei desesperado, afundando o rosto nas mãos crispadas.

E de novo me envolveram o silêncio e a sombra.

A lembrança de Helena resurgiu depois dentro de um recordação calma e resignada. Pude vê-la, e alguma imagem como se ela fosse real, e meus dedos a tocasse

caricìosamente. Os olhos expressivos e doces, a boca ainda palpitante do meu beijo...

— Helena, como eu te amo! murmurei.

Jamais alguém amou com tanta paixão e egoismo! Jamais um homem se viu tão intensamente dominado por uma obcessão como eu pela que lhe dedicava. Muitas vezes, numa análise introspectiva, tentei compreender minha paixão. Por que? Por que um amor assim doentio e tão intenso, que me torturava? Ignoro. Compreendo que o "eu" que ama não pertence ao "eu" que raciocina. Ele é complexo, egoista, às vezes bruto, outras vezes terno, e não há como compreendê-lo.

Recordei nosso noivado.

Eu sei, eu tenho certeza de que Helena me amava muito. Entendiamo-nos tão fàcilmente. Depois, porém, mudou tanto... Meu Deus, como pode um coração ser tão inconstante, e a alma de uma mulher tão versátil? Jamais compreendi, jamais.

Na noite de nosso noivado, encontramos um momento em que pudemos fugir ao mundo de todos e esconder-nos naquele que era só nosso.

Helena, como foste boa naqueles momentos! Com que graça, com que meiguice me falaste de nosso futuro, de nossos sonhos. Que vida em tuas palavras! Que ternura em tua voz! Que vibração em teu corpo no momento inesquecível daquele beijo!

— Helena! Helena! Por que? Por que esqueceste tudo? Por que? — e minha voz, estrangulada na amargura da recordação, ecoou tristemente pelo espaço e dentro de mim mesmo com mais intensidade ainda.

Quando se está só, toda a vastidão do mundo se perde no vazio que temos dentro de nós. E a minha solidão é profunda e imensurável. E' solidão cheia de saudades, de saudades sem esperança, porque Helena nunca mais voltará. Nunca mais meus dedos sentirão o contacto suave de seus cabelos castanhos; nunca mais meus olhos hão de perder-se naquele olhar cheio de ternura, como um espelho onde eu contemplasse os meus próprios desejos. Não, nunca mais.

— Helena morreu!

Aqui, essa frase ecôa com o fragor de uma catástrofe! E' o meu mundo que se desmorona e despenca pelo abismo insondável do espírito que se perdeu a si mesmo. E nada há que possa salvá-lo! Eu o destrui por minhas próprias mãos. Esmaguei-o, num momento de cega loucura, com todo o poder do meu amor e do meu ciume.

Destrui meu mundo, destrui meu espírito, destrui minha Helena.

Sim, eu a matei!

Não me recordo dos detalhes. Foi tudo num ímpeto, como num sonho confuso, como numa alucinação doentia. Lembro-me apenas de ter recobrado a consciência de súbito, e então, meus músculos se afrouxaram, minhas mãos perderam a rigidez que o esforço lhes dera, e Helena caiu pesadamente ao chão, morta.

★

A música vai se esvaindo no espaço. A brisa que a trouxe leva-a de volta. Recordo-me agora de seu nome: "Apenas um coração solitário". Música nascida de um gênio sublime para confortar o espírito dos homens sós.

Vai-se a melodia sumindo na distância, e, de novo, a sombra e o silêncio envolveram minha pequena cela.

A Justiça Humana julgou-me, e a pena foi pagar meu crime na solidão desta cela. A Justiça Divina eu a enfrentarei um dia, e não a temo porque espero encontrar nela a compreensão que a razão dos homens, por mesquinha e fria, ainda não atingiu.

Quanto a mim, quanto ao julgamento que fiz de mim mesmo, não sei explicá-lo. Analisei-me agora e sei que estou perdido num caos, ou melhor, num sorvedouro que gira alucinantemente, e onde se confundem recordações e imagens, lembranças e saudades, alegrias e tristezas, tudo misturado numa grande massa que gira, gira, gira e da qual eu ocupo o centro.

Nos raros momentos de plena lucidez, quando pareço me libertar desse sorvedouro, sinto que meu espírito vaga perdido ao acaso, sem ter onde fixar-se, como folha morta que voluteia ao sabor do vento, e cujo fim será cair no abismo, e perder-se para sempre.

RUY MATTOS

Rafael — "Retrato do papa Júlio II"

A VIDA DE RAFAEL SANZI

(1483-1520)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

O PAI de RAFAEL, Giovanni Santi, foi ao mesmo tempo pintor, poeta e vendedor de hortaliças. Sua pintura era medíocre; sua poesia, trabalhada; mas suas verduras eram ricas, agradáveis e frescas. Porque o pequeno ducado de Urbino, a cidade montanhosa em que o mais velho dos Santi vivia, e em que nasceu Rafael, desfrutava a tríplice benção de uma terra generosa, de um sol quente e de uma chuva branda. O jovem Rafael, a quem o pai dera o nome de um dos arcanjos, absorveu em sua alma a terra, a luz do sol e a chuva de sua província natal. E sobretudo seu rude cenário e seus tesouros artísticos. Poucas cidades do mundo estariam melhor dotadas para alimentar, com as maravilhas da beleza, os olhos de um jovem artistas em desenvolvimento. Urbino era um quadro natural, feito de férteis vales e suaves colinas, que apareciam subitamente nas alcantiladas montanhas. Ao poente, levantava-se um perfil recortado em cumes fantásticos. Do outro lado, o azul brilhante do Adriático, que mal se percebia à distância. E a cidade era uma das mais preciosas jóias na coroa da Renascença. Os quadros, as estátuas e os edifícios de Urbino não temiam comparação com os de Florença ou mesmo com os da própria Roma. Urbino já era famosa como a mãe dos artistas, quando Rafael nasceu, a 28 de março de 1483.

A infância de Rafael foi bastante feliz, mas muito breve. Aos nove anos, já havia perdido a mãe, um irmão, uma irmã e o pai. As linhas profundas do sofrimento gravaram-se muito cedo nos traços de seu caráter. Na verdade, o "menino arcanjo" estava desde o berço destinado à glória imortal e às mortais tristezas.

Quando seu pai morreu, Rafael foi confiado aos cuidados de seu tio Bartholomeu Santi. Felizmente recebera do pai uma herança que lhe permitiu estudar arte sem o constante medo da fome. Deixou sua cidade natal aos dezesseis anos, e fixou residência na Úmbria, na cidade de Perúgia, oferecendo-se como aprendiz ao mais famoso de seus artistas, Perugino.

O talento do aluno era infinitamente superior ao do mestre. Rafael, contudo, procurou absorver de seu professor o instinto do colorido e a visão da perspectiva — duas formas técnicas em que Perugino conservou-se supremo entre os artistas italianos desse período.

Os artistas da Úmbria, seguindo os precedentes de Perugino, se haviam tornado hábeis na técnica da pintura. Desprezando a arte pagã da Renascença, restringiam seus esforços à pintura de temas religiosos. Esse exclusivismo, embora limitasse a finalidade de seus trabalhos, beneficiava-lhes os bolsos. Os camponeses da Úmbria eram tão profundamente crentes, que ansiavam por gastar suas economias em pintura religiosa, na igreja de suas cidades. Alimentar as almas parecia-lhes mais importante do que nutrir os corpos. Os artistas umbrianos nunca trabalhavam suficientemente para atender às constantes encomendas de quadros de santos, Madonas e Cristos crucificados. Foi nessa atmosfera encorajadora que Rafael viveu os anos de aprendizado. Quando, aos dezenove anos, deixou Perugino, adquirira habilidade técnica e reunira os sólidos fundamentos de uma fortuna que, poucos anos mais tarde, seria avaliada em meio milhão de dólares. E principalmente alcançara a fama de pintar os mais belos quadros jamais vistos por olhos mortais.

★

Rafael — "A Sacra Família"

Como a maioria de outros grandes artistas, Rafael preparava preliminarmente estudos ou esboços de seus quadros. (Esses esboços não devem ser confundidos com as caricaturas de nossos jornais modernos). E' interessante observar-se a técnica por ele empregada em sua realização. Um de seus trabalhos mais antigos é a **Coroação da Virgem.** Ao preparar o estudo desse quadro, utilizou um rapaz para modelo da Virgem. Vestindo calções justos que marcam todas as linhas de seu corpo bem conformado, o rapaz está sentado com a cabeça inclinada e as mãos entrelaçadas, enquanto a coroa está suspensa sobre ele. No quadro definitivo, o rosto e a figura têm as linhas de uma mulher e o corpo aparece coberto com uma roupa flutuante. Mas a posição dos braços e das pernas é exatamente a mesma do esboço preliminar. Somente as mãos e os pés podem ser vistos; no entanto o resto do corpo está ali, nas linhas fàcilmente reconhecíveis. A posição de cada parte do corpo é assim tão perfeitamente definida através das roupagens por ter o artista usado uma figura nua no estudo original. Em seus quadros mais antigos os esboços preliminares para muitas de suas figuras vestidas eram desenhados em nu. Porque Rafael desejava que as partes do corpo cobertas fossem tão perfeitamente conhecidas como se estivessem nuas. Rafael foi sempre [illegible] um escrúpulo profissional na exata observação e perfeita representação da natureza. Nunca dois [illegible], duas figuras, duas poses, duas folhas de uma árvore são exatamente semelhantes em seus numerosos quadros. Como Leonardo e Miguel Ângelo, Rafael foi [illegible] feito senhor dos detalhes.

Rafael — "Madonna di Casa Colonna"

★

O ano de 1504 marca o início do período mais [illegible] de acontecimentos em sua vida — viagens, encontros, amizades com ricos banqueiros e nobres poderosos, excursões pelas belezas da história antiga, literatura, arte, divertimentos licenciosos, trabalho incessante. Era agora um opulento cidadão da Renascença, [illegible] da beleza pagã tanto quanto da pureza cristã, [illegible] tor de Venus e Madonas, de sátiros e santos, do Senhor do Riso e de Jesus, o Príncipe da Tristeza, procurando uma atmosfera adequada na qual esse duplo aspecto de seu gênio pudesse florescer plenamente. [illegible] Florença, aos vinte e um anos.

Florença, a cidade das flores. A capital artística da Itália. O centro da rivalidade política, da intriga, da pompa social, das controvérsias religiosas, [illegible] e do veneno, da filosofia e da devassidão, do ascetismo e da desenfreada luxúria. Logo depois da chegada a essa cidade, Rafael tornou-se conhecido [illegible] dos os lados, através da influência de dois dos [illegible] cidadão. Esses dois homens eram o pintor Fra Bartolommeo e o arquiteto Baccio d'Agnolo.

Era Bartolommeo, um discípulo de Savanarola, [illegible] cava-se dentre os que, em 1497, haviam construído a gigantesca pira funeral de todos os livros, quadros e estátuas gregas e romanas encontrada sem Florença. [illegible] de haver "queimado e enterrado" o espírito do paganismo, entrou para um convento dominicano, a fim de [illegible] to de seus dias rezando e pintando quadros sa[illegible] sar do ascetismo de Bartolommeo, Rafael encontrou um espírito semelhante ao seu. Possuíam ambos [illegible] tupenda imaginação e capacidade de sonhar [illegible] sonhos de composição e de côr. Essa amizade [illegible] Florença, em 1504, durou até a morte prematura de Bartolommeo em 1517.

Bartolommeo orientou os olhos de Rafael para assuntos sacros. Bastante diferente foi a influência [illegible] sobre ele por seu outro amigo, Baccio d'Agnolo. [illegible] era um homem de sociedade. Em seu atelier [illegible] os intelectuais florentinos. Aí o jovem Rafael tornou-se íntimo dos principais artistas, poetas, filósofos e grandes espíritos da época. E seu próprio espírito centelhante [illegible] uma jóia na conversação geral. Porque Rafael [illegible] sòmente um dos supremos artistas da Itália mas um [illegible] homens mais brilhantes. E tão atraente quanto [illegible] Seu rosto parecia-se com o de uma de suas Madonas. Em seu queixo não havia ainda o mais leve sinal [illegible] ba. Seus olhos continham lindos sonhos nas profundas pupilas escuras. Seu pescoço, longo, fino, tinha uma [illegible] estranha. E seus lábios, quando se abriam num sorriso, podiam transformar um crítico malévolo num amigo entusiasta. Os mais implacáveis nobres e comerciantes da Itália, aventureiros para quem matar era tão natural como respirar, tomaram Rafael sob sua proteção, encorajando-o e [illegible] do-o com uma afeição quase paternal. Escolhiam-[illegible] suas encomendas, enchiam-lhe a bolsa com seus [illegible] e finalmente atraíram, para seu trabalho, a atenção do próprio Papa Júlio II.

★

Foi no verão de 1508 que Rafael ficou sob a proteção de Júlio II. Esse papa soldado interessava-se mais pela política da terra do que pelas glórias do céu. Não [illegible] de literatura.

— Por que deseja representar-me com um livro? disse ele a Rafael. — Não sou um erudito. Dê-me uma espada.

Um homem de ação e de ambição ilimitada. Tinha [illegible] arte um interesse largamente pessoal. Queria perpetuar-se como um patrono generoso e ter seu retrato imortalizado pelos maiores artistas contemporâneos. Era um [illegible] re de obras. Tratava os pintores e escultores como [illegible] talentosos. Tirava deles todo o trabalho que podia e depois esmagava-os sob os pés. Para Rafael, no entanto, era um protetor bondoso, sorridente e indulgente. Rafael tinha consigo aquela amável cortesia que [illegible] tudo em sua presença numa graça correspondente.

Quando Rafael chegou a Roma encontrou os [illegible] artistas febrilmente empenhados em embelezar a [illegible] sob as ordens de Júlio II. Mas imediatamente depois da chegada de Rafael, o papa despediu todos esses [illegible] com exceção de Miguel Ângelo e Bramante, em [illegible] seu novo protegido. Os três irmãos se prepararam [illegible] as três maravilhas do mundo moderno: [illegible] por Miguel Angelo, a [illegible] por Bramante e a d[illegible] de Roma.

[illegible] esta decoração na Câmara d[illegible]

naturas, assim chamada porque era o quarto em que o papa assinava os documentos a ele submetidos por seus ministros. Para o tema do painel, Rafael inspirou-se em Petraca que, em dois de seus poemas, descreve o triunfo do amor e o triunfo da fama. As pinturas de Rafael nas paredes e no teto da Câmara das Assinaturas, representam a beleza do helenismo e a glória da cristandade. De um lado, temos inúmeras cenas tiradas da história da literatura e da filosofia do mundo antigo, e do outro, em contraste, inúmeras cenas tiradas das escrituras. A Escola de Atenas e a Igreja de Roma; Platão e Dante; Vênus e a Madona; Apolo e Cristo. O motivo central do tema é a superioridade do Cristianismo em seu apogeu sobre o helenismo também no apogeu. A composição é cadenciada, rítmica e perfeita. As figuras se distribuem uma ao lado da outra, como os versos de uma estrofe cuidadosamente construída. A pintura é um contraste imortal entre a sabedoria e a santidade, entre o prazer e a tristeza, entre o riso e o amor. E' em suma, um poema épico feito em côres.

O painel da Câmara das Assinaturas é indulgente, contemplativo, sereno. Em outras salas do Vaticano, contudo, assume tons mais turbulentos. O papa Júlio era homem de índole violenta, de decisão pronta, de ação rápida. Queria que o sôpro de sua própria agitação se espalhasse pela atmosfera dos outros painéis. E Rafael acedeu a seus desejos. Pintou as conquistas da Igreja, os castigos dos herejes, os vivas da multidão ante as vitórias do papa. Nesses murais os grupos assemelham-se a enxames de abelhas zumbindo e comprimindo-se umas às outras — um sorvedouro de paixões em liberdade, de entusiasmo que não conhece restrições. Esses quadros são considerados homenagens à grandeza e popularidade do papa Júlio II, cujo retrato domina a mais importante de todas — **A expulsão de Heliodorus do Templo.** À extrema direita, Heliodorus é banido do templo pelos açoites de anjos enfurecidos, enquanto à extrema esquerda, o papa Júlio II, sentado num trono, entre a multidão que aprova, olha com terrível satisfação o merecido castigo do pecador. O papa encomendara esse painel com o fim de simbolizar não sómente a expulsão do pecado do Templo, mas a expulsão dos franceses da Itália. No desejo de alimentar a vaidade do papa, Rafael viu-se obrigado a violar não só a pureza da idéia, como a cronologia da composição. Misturou o tema sacro ao profano e colocou um papa moderno num motivo antigo. E' fácil condenar Rafael pela sua tão fácil aquiescência à vontade do papa, chamá-lo um homem sem fibra ou — como vários de seus extremados detratores o fizeram — acusá-lo de lisonja, de insinceridade e mesmo de evidente desonestidade. Lembremos, no entanto, que a arte do século XVI dependia do patronato. Tivesse Rafael contrariado seus padroeiros, e talvez nunca lhe aparecesse a oportunidade de enriquecer o mundo com suas obras-primas. Se, realizando-as, também enriqueceu seus próprios bolsos, foi apenas incidentalmente — e, como veremos, um incidente bastante infeliz.

★

Rafael trabalhava ainda na decoração do Vaticano, quando o papa Júlio II morreu (1513). Aconteceu que o novo papa, Leão X, era um patrono das artes ainda maior do que seu predecessor. Ao contrário de Júlio II, Leão X amava a arte pela arte. Herdara essa fome de beleza de seu pai, Lorenzo, o Magnífico, o primeiro e mais compreensivo dos admiradores de Miguel Ângelo. O papado de Leão X foi, como o reinado de Lorenzo, o Magnífico, um contínuo festival de epicurismo intelectual e estético. Sob seu túmulo, o gênio de Rafael atingiu um completo desenvolvimento. E Rafael não era o único entre a numerosa raça de semideuses desse período. A lista dos nomes agraciados pela côrte pontificial de Leão X compreende uma das mais brilhantes páginas no frontispício da história da fama. Havia sábios e poetas — Ariosto, Bembo, Bibbiena, Castiglione, Beroaldus, Andrea, Fulveo, Aretino; arquitetos encabeçados por Bramante e Fra Giocondo; escultores sob a liderança de Miguel Ângelo; e pintores: Peruzzi os dois Sansovinos, San Gallo, Melzi, Signorelli, Beltraffio e Franfaia. E a todos presidia senhorial, orgulhoso, sereno, esse príncipe filósofo da Renascença, Leonardo da Vinci. Era uma época de magnificência, de grandes realizações e de sonhos ainda maiores, de uma beleza genuína e não de uma pompa artifical. Era uma época de trabalho sério e sérias diversões, de festas e lisonjas, de vinhos generosos e de brilhantes epigramas. E era uma época de ambições ilimitadas. Cada qual tentava desesperadamente pintar melhor, esculpir melhor, apresentar-se melhor do que os outros. Fraudes divertidas estavam em moda. Uma ocasião o magnata das finanças, Agostinho Chigi, ofereceu um banquete ao papa. A festa realizava-se num esplêndido pavilhão construído às margens do Tibre. Logo que uma taça de prata maciça era esvaziada, ordenavam ao hóspede que a atirasse ao rio. Os convidados olhavam divertidos atônitos essa inconsequente extravagância de seu hospedeiro. Mas havia um processo astucioso nessa aparente loucura de Chigi. Espalhara inúmeras rêdes à superfície da água e, imediatamente depois da partida dos convidados, ordenara que as taças de prata fossem pescadas.

Era essa a atmosfera material e cultural de Roma, durante o papado de Leão X. E foi nessa atmosfera que Rafael achou-se apto para alcançar a glória. A reunião de seu gênio, de sua energia infatigável e de sua inalterável cortesia fizeram dele o mais popular pintor da época. Recebeu inúmeras encomendas do papa, de Chigi, do Cardeal Bibbiena, de todos os cidadãos ricos e influentes de Roma. Formara uma completa academia de discípulos, que o adoravam como a um jovem deus. Quando passeava pelas ruas, uma escolta de cinquenta discípulos o seguiam, respeitosos. Certa vez, Miguel Ângelo censurou-lhe esse séquito. "Você vai pelas ruas", disse ele, "acompanhado de um séquito como um general". Rafael, entretanto, respondeu prontamente: "E você vai sózinho como um carrasco".

Uma ocasião, Rafael disse uma frase mordaz. Quando dois cardiais, criticando um de seus quadros, observaram, gracejando, que os rostos dos apóstolos São Pedro e São Paulo estavam muito vermelhos, Rafael retorquiu: "Pintei-os assim deliberadamente, Eminências. Estavam corados no céu por ver a Igreja governada por homens como os senhores".

Contudo, só usava os agudos dardos de seu espírito com os que não lhe poderiam fazer nenhum mal. Com aqueles de quem dependia para suas encomendas, era sempre o cavalheiro cortês, de lábios silenciosos e de mão amiga. E quanto mais sériamente trabaloava, maior quantidade de encomendas lhe aparecia: uma constante corrente de pedidos, de afrêscos, decorações de igrejas, palácios e balneários, cenários teatrais modelos de préstitos, desenhos para camafeus e gravuras, retratos, tapeçarias e Madonas.

Suas Madonas significaram alguma coisa de novo na história da arte, jóias de beleza numa gravação de paz. Entre as mais tocantes de todas elas — é quase impossível selecionar a melhor, num tesouro de equivalente grandeza — está a **Madona do Pintassilgo.** Esse quadro representa a Virgem sentada num rochedo coberto de musgo, com o

Rafaello Santi, também dito Rafael Sanzio, famoso pintor de papas e de "madonas".

Menino Jesus diante dela, preso entre seus joelhos. A mão esquerda, pousada em seu joelho esquerdo, segura um livro aberto. Seu olhar contudo, não se dirige para o livro, mas para o infante São João que, trêmulo de contentamento, inclina-se precipitadamente, mostrando um lindo pintassilgo que acabara de apanhar. Os olhos da Virgem diluem-se em ternura, enquanto com a mão direita abraça São João delicadamente de encontro a Seu Filho. Completando a harmonia do quadro, o Menino volta lentamente o rosto para S. João e, sem levantar o pé, que continua sobre o de Sua Mãe, estende a mão, a fim de segurar o pássaro. O fundo desta cena de ternura maternal é um campo com rios e pontes, píncaros e montanhas ao longe. Cada árvore, cada flor, cada tufo de erva é feito com uma precisão que revela a sensibilidade de Rafael tanto em relação à natureza quanto à personalidade humana. Rafael era o pintor da alma individual.

★

Com a idade de trinta e um anos, Rafael estava no auge de seu poder. Além de todos os outros trabalhos que fazia, o papa o escolhera para o cargo de arquiteto chefe, na reconstrução de São Pedro. Nunca um artista aceitara tantas incumbências, de caráter tão importante dentro de tão curto espaço de tempo. Seus patronos rivalizavam no

(Continua na pág. 56)

Rafael — "Santa Cecília"

Rafael — "Coroação da Virgem"

Rafael — "A visão de Ezequiel"

Uma ilha de paz num continente conflagrado — Onde não existe inquietação social, nem surgem novos partidos — Índice de felicidade e de tranquilidade de um povo: o quase anonimato dos seus líderes políticos.

A SUIÇA é considerada, na Europa agitada por tantos vendavais políticos, a democracia mais que perfeita. É uma nação que estava plenamente satisfeita com o seu sistema político e onde não existe inquietação social. Constituída por três diferentes raças, falando três diferentes línguas, todos os seus filhos estão unidos, entretanto, por anseios comuns, de paz e de liberdade. Seus cidadãos não procuram filiar-se a novos partidos políticos, nem tampouco se inclinam a agitar novas doutrinas. O regime da propriedade rural é magnífico. A terra está muito subdividida e não existem latifúndios, nem explorações de caráter feudal. Os dirigentes da Suíça são pràticamente anônimos. Não há lutas renhidas pelas posições de mando, nem revoluções, nem atentados. Não podia ser mais feliz o povo suíço. Enquanto o resto da Europa cuida da guerra, a Suíça cuida apenas de misteres pacíficos, como sede que é da Cruz Vermelha Internacional, fundada por iniciativa do eminente filantropo suíço Henri Dunant (nascido em 1828 e falecido em 1910).

★

A história da Confederação Helvética, — como também é chamada a Suíça, — é bastante interessante. A primeira semente da Confederação, foi lançada pelos três cantões primitivos — Uri, Schwytz e Unterwald — nas margens do lago de Lucerna. Oprimidos pela tirania estrangeira, os homens destes cantões formaram uma liga, no dia 1 de agosto de 1291, jurando unir os seus esforços para conquistar a independência que tão ardentemente desejavam. E uma vez conseguida, esse robusto povo montanhês teve que defendê-la e defendeu-a com insuperável denodo, contra todos os ataques. O seu arrojo venceu em 1315, os exércitos austríacos, na grande vitória de Morgarten. Alguns anos depois, tiveram de combater de novo contra o mesmo adversário, ganhando a gloriosa batalha de Sempach. Um século mais tarde, alcançaram os helvéticos outras vitórias decisivas, em Grandson e em Morat, contra Carlos o Temerário, o ambicioso Duque de Borgonha. A batalha de Morignano, em 1515, que por ter sido perdida, não foi menos gloriosa, pôs termo ao primeiro período da história suíça.

Durante os três séculos seguintes, a Suíça pôde desenvolver-se em paz, se bem que tivesse sentido dolorosamente as repercussões das divergências européias e da Revolução francesa. Depois da era napoleônica, durante a qual a influência da França foi predominando, restabeleceu-se definitivamente a independência da Suíça e fundou-se então o moderno Estado federal.

A constituição de 1848 construiu a Suíça numa confederação, formada por 25 cantões ou estados soberanos, porém a 29 de maio de 1874, ainda em vigor, transformou esta união num verdadeiro Estado federal. O segundo parágrafo da dita constituição, toda ela inspirada do mesmo ideal que deu nascimento ao Pacto de 1291, resa assim: "A finalidade da Confederação é assegurar a independência da pátria contra o poderio estrangeiro, manter a paz e a ordem interior, proteger a liberdade e os direitos dos cidadãos e aumentar a prosperidade comum". Os cantões conservaram a sua soberania, mas, para bem da comunidade cederam alguns dos seus direitos ao estado federal. Assim, os cantões elaboram as suas leis próprias sobre assuntos regionais ou locais. No entanto, coexistindo com eles, o Estado federal tem a sua organização própria.

Em baixo à esquerda: As bic

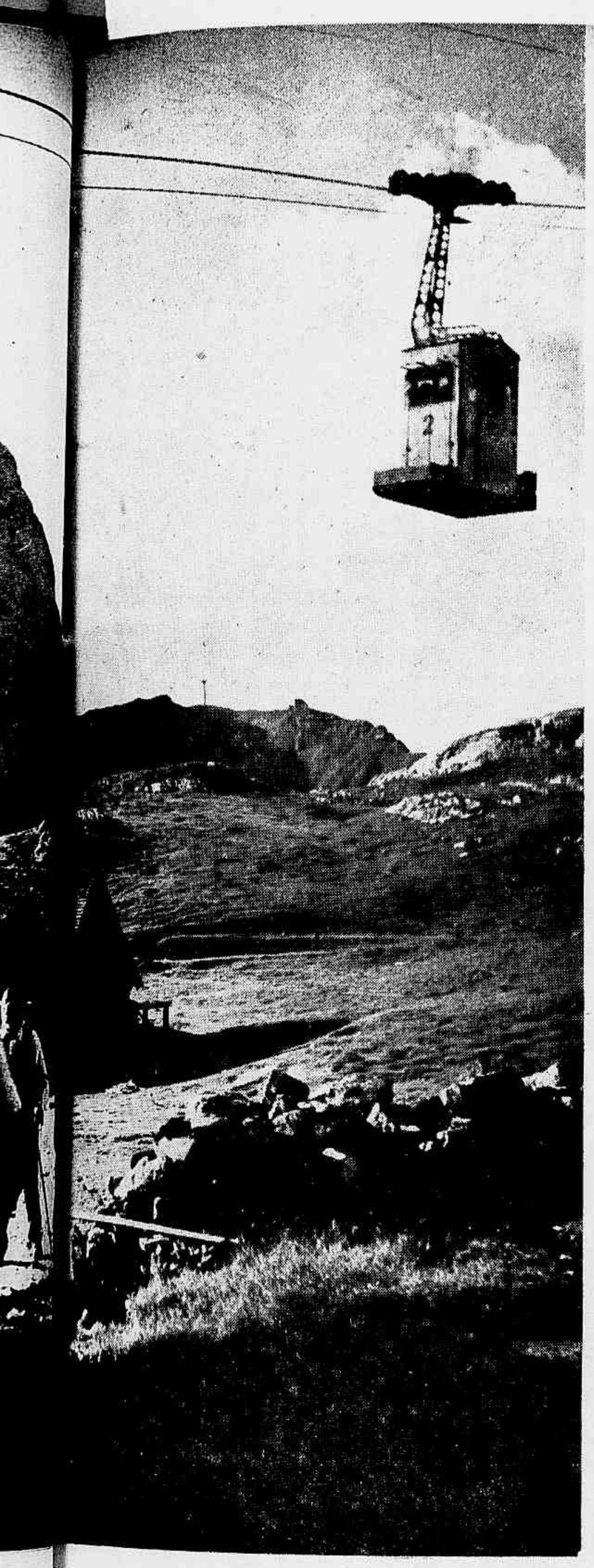
O poder legislativo, a Asse
duas câmaras: o Conselho Na
envia um número de represen
população, e o Conselho dos Es
sem consideração pela sua im
dois conselheiros. O poder e
Governo ou Conselho Federal,
eleg idos pela Assembléia Fede
rige um Ministério. Estes cons
são nomeados por quatro anos
valmente reelegidos com o qu
política do país, adquire esta
dos conselheiros federais ocu
ano a presidência da Confede
um tempo à frente do seu Mi

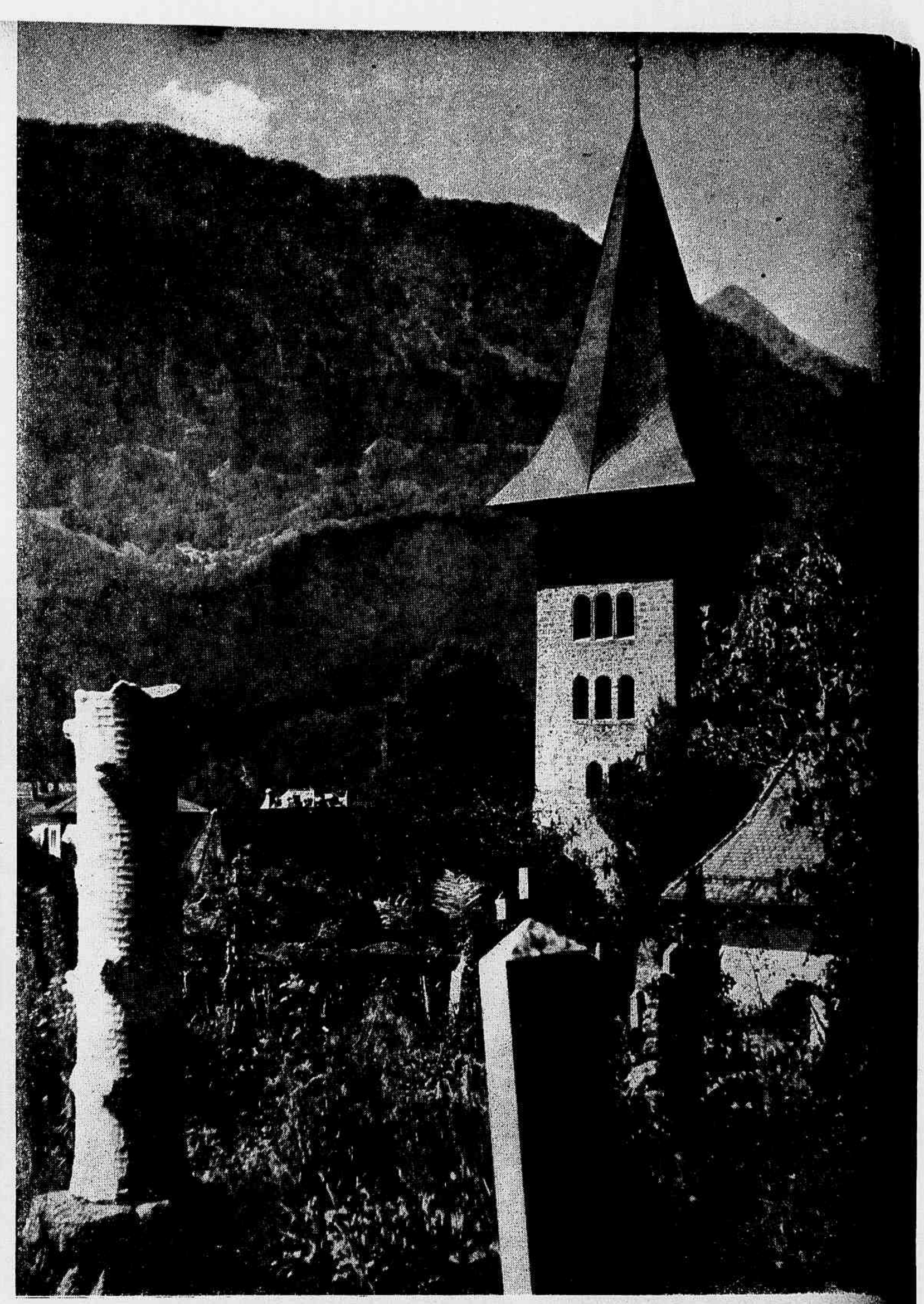
Só o Estado federal tem
estrangeiros; e é ele que

dos m

al, comp
al cada
donando
al cada
presenta
nas mã
sete me
dos qu
ou mi
quais s
ministra
bilidade
duran
ando a
com E
m o ex

SUIÇA





dos meios preferidos de transportes dos cidadãos da Suiça, nos seus passeios campestres. Ao alto à esquerda: Região destinada aos esportes de inverno e servido por um dos funiculares que ligam montanhas entre si. A direita: Uma paisagem característica da Suiça, a democracia mais que perfeita.

A DEMOCRACIA MAIS QUE PERFEITA!

...l, compreende assim como só ele pode cunhar moéda. O Banco Nacional ...l cada cantão Suiço é o único emissor. Os serviços telefônicos, telegráfi- ...ionando à sua cos e postais estão unificados, como também as alfân- ...l cada cantão, degas. Além da Constituição, há três corpos legais aplicáveis ...presentado por em toda a Confederação, a saber: o Código civil, o Código ...nas mãos do penal e o Código militar. Em troca, tudo o que se refere ...sete membros à instrução pública (com exceção da afamada Escola Po- ...dos quais di- litécnica federal, em Zurique) é da competência dos can- ...ou ministros tões, assim como a administração da justiça. A Confedera- ...quais são ge- ção possui apenas um tribunal, com funções de Supremo ...ministrativa e Tribunal de Justiça. Cada cantão possui também a sua ...bilidade. Um policia e cuida normalmente do mantimento da ordem e ...durante um da imposição e cobrança dos impostos.

A organização política da Suiça é, portanto, federativa e democrática. A Constituição garante os direitos dos cidadãos, e estes, não só elegem os seus representantes, como também podem pedir o "referendum" ou ratificação das leis pelo povo em votação direta e possuem ainda o direito de iniciativa legislativa. Essa democracia é uma democracia "sui generis". Os Ministros são verdadeiros funcionários que têm de acatar as decisões da Assembléia Federal e do povo. Porém, o governo está muito longe de ser um "Gabinete" submetido às vicissitudes das votações parlamentares. Ao contrário, quando um projeto de lei, elaborado por eles é recusado, o governo não se demite, continua governando, atendendo às orientações que lhe são dadas pelas Câmaras e pelo povo.

Cada cantão, Estado soberano, embora com soberania limitada, possui a sua organização peculiar e em alguns dos mais antigos, subsiste ainda a forma tradicional e pitoresca do governo popular. Todos os cidadãos reunidos numa praça em Assembléia ou "Landsgemeinde", elegem os magistrados e discutem sobre assuntos políticos.

Esta singular estrutura da Suiça construida lenta e pacientemente por várias gerações de homens, fervorosos patriotas, sensatos e valorosos; este sábio equilíbrio entre um forte governo central formado por personalidades prestigiosas e respeitadas, e os governos cantonais, zelosos guardiães do espírito federalista, entre uma firme autoridade capaz de impor a todos o cumprimento do dever, e os direitos de um povo culto, de grande sentido prático e de extraordinária sensatez política, entre uma firme vontade de absoluta independência e o desejo de colaborar fielmente com outros povos e de ser útil à comunidade européia, é o que deu esta inquebrantável solidez à Suiça, edifício granítico, no qual cada pedra se encaixa tão perfeitamente às outras que os embates dos homens e dos séculos não têm podido derrubá-lo.

★

A prosperidade da Suiça é um milagre do trabalho de seus filhos. Quase 23 °/° do solo suiço é improdutivo

Guilherme Tell, o lendário herói da libertação suiça. A lenda, que Schiller dramatizou, diz que ele tirou com uma seta a maçã colocada sobre a cabeça do filho.

Mas as terras aráveis são todas elas aproveitadas ao máximo. Sem saída para o mar, alimentando-se as suas indústrias, na quase totalidade, de matéria prima importada, a Suiça, ainda assim, consegue competir no mercado mundial com indústrias de muitas nações, pela qualidade e pelos preços. Por isso mesmo, figura entre as nações européias que mantêm mais intenso comércio de exportação.

A mais antiga indústria da Suiça e ainda de toda a Europa, é, sem dúvida alguma, a textil. A fabricação de tecidos de seda é tão antiga como a de Lião. A indústria algodoeira estabeleceu-se na Suiça muito antes que na Inglaterra, e da mesma forma, os tecidos suiços corriam o mundo antes da Saxônia e da Westfália. A indústria textil fabrica tecidos em lã, linho, seda e algodão e não faltam ramos especializados na fabricação de seda artificial, fitas, rendas e bordados, artefatos de malha, roupa interior e trançado de palha para chapéus, sem esquecer outro ramo importante, relacionado com o vestuário, que é o da fabricação do calçado. Durante estes últimos anos, a Suiça tem seguido muito de perto as variações da moda e muitos dos modelos de Paris foram executados pela indústria textil suiça.

Mas, sem dúvida, onde o gênio do trabalho suiço toma mais importância, é na indústria metalúrgica, produtora de máquinas e aparelhos. Neste ramo, o primeiro lugar compete desde já à indústria electrotécnica que se desenvolveu e aperfeiçoou extraordinàriamente. E' natural que faltando carvão ao país, os técnicos e engenheiros se hajam esforçado para captar e converter em energia, as inúmeras e caudalosas torrentes que descem dos montes. A enorme força elétrica obtida com essas cachoeiras e correntes, serve para acionar as máquinas de todas as oficinas e para assegurar a circulação dos comboios eletrificados na quase totalidade. Como não podia deixar de ser, no país da eletricidade, floresceu uma indústria elétrica, cujas turbinas e alternadores são apreciadíssimos no mundo inteiro. A indústria eletrotécnica, fornece pois tudo quanto é necessário para as instalações elétricas de todo o gênero, desde as máquinas para gerar eletricidade até aos cabos, contadores, aparelhagem de sinalização, etc.

A metalurgia suiça produz também máquinas para a indústria textil, máquinas-ferramentas para trabalhar madeira e metais, máquinas a vapor e motores Diesel, caminhões pesados e semi-pesados, tratores, sobressalentes para automóveis e aeroplanos, instalações de frigoríficos, compressores, bombas, moinhos, máquinas para a fabricação de gêneros alimentícios e para a indústria do papel, rotativas, máquinas de embalar, máquinas agrícolas, instrumentos e aparelhos científicos de alta precisão, máquinas de calcular e de escrever, material ferroviário, alumínio em bruto e artigos do mesmo.

Em todas estas especialidades, a boa qualidade é universalmente conhecida. Nos últimos tempos, a indústria suiça tem executado notáveis construções que chamaram justamente a atenção dos técnicos estrangeiros. A locomotiva elétrica mais potente do mundo, construída em 1939, circula no trajeto do Gotardo, e o barco mais rápido do mundo está equipado com motores Diesel de construção suiça.

Na fama da indústria relojoeira, não é preciso insistir, pois está bem alimentada desde séculos. A Suiça exporta todo o gênero de relógios, desde o relógio de uso corrente de boa qualidade, produzido em série, até ao fino relógio-jóia, desde o sólido relógio para desporto, até ao cronômetro ou o instrumento de alta precisão para laboratórios ou a navegação marítima ou aérea, civil ou militar. E' certo que a indústria relojoeira tem aperfeiçoado em sumo grau as máquinas e ferramentas, mas o fator principal ao qual se devem tão magníficos resultados reside na mão de obra, no operário mesmo. A indústria relojoeira soube formar durante várias gerações, milhares de excelentes artistas. Nisto se reduz a sua força e é essa a base do relógio suiço.

Neste suscinto resumo da atividade suiça, é impossível omitir a indústria química, com os seus corantes, produtos farmacêuticos e produtos destinados à perfumaria.

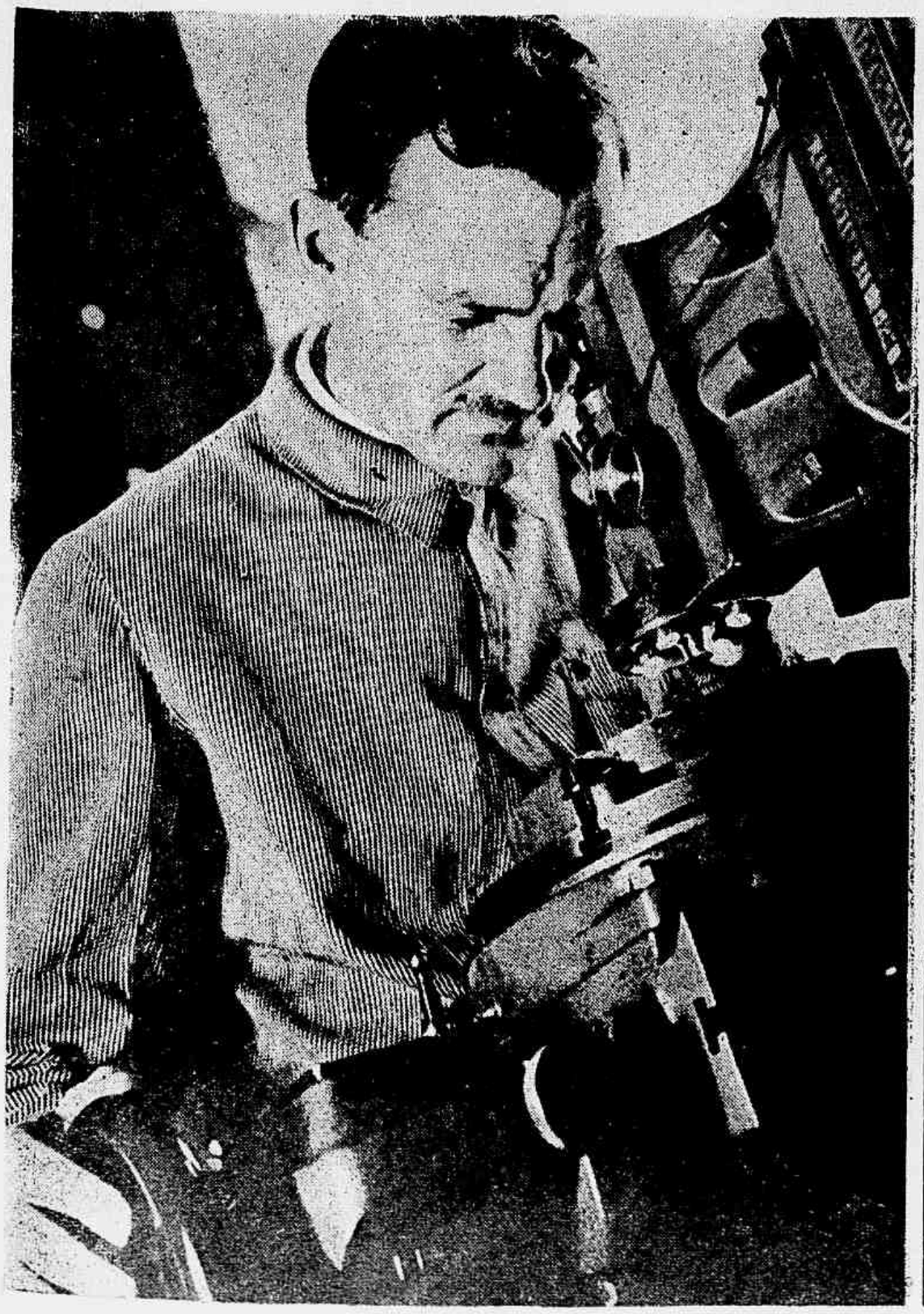
Finalizando, a Suiça elabora ainda, entre os produtos alimentícios, chocolate, leite condensado, queijo e conservas, artigos para fumadores, objetos esculturados em madeira, material de construção, cerâmica, vidro, papel, impressos artísticos, etc., testemunhando a atividade dos seus habitantes.

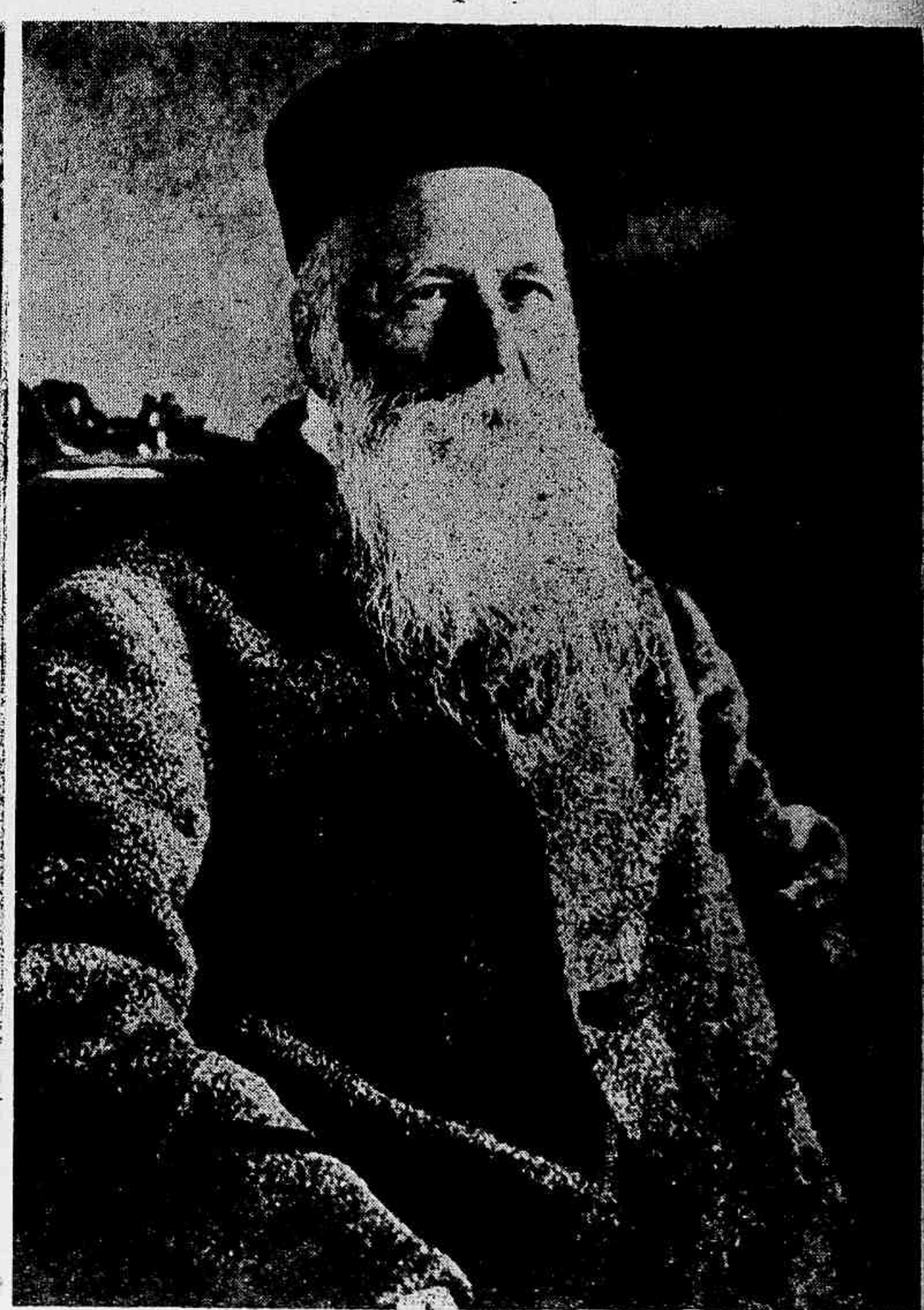
O fator trabalho, tem na economia suiça, uma importância sem par. Porisso foi necessário formar e manter uma classe operária capaz de executar qualquer trabalho téc-

(Continua na pág. 56)

A esquerda: País sem exército, a Suiça tem em cada um dos seus cidadãos um soldado pronto para defendê-la. Ali até as moças se adestram nos concursos de tiro... A direita: Jovem suiça, vestindo um vestido de tecido fabricado em sua terra, com matéria prima importada do estrangeiro.

Ao alto : Aspecto de Lucerna, uma das principais cidades da Confederação Helvética. Em baixo : A Suiça se orgulha dos seus operários, cujo padrão de vida é elevadíssimo. Trabalhadores capazes e diligentes, os suiços se especializaram em produzir aparelhos de precisão, famosos no mundo inteiro. Henri Dunant, o filantropo suiço a quem se deve a fundação da Cruz Vermelha Internacional.





Livros Novos

Por JOÃO LUSO

PORTUGAL AMOROSO, novelas históricas de D. João de Castro — Edição da revista *Ocidente*. — *Lisboa, 1946.*

Por uma "Nota preliminar" ficamos sabendo que êste livro foi primeiramente publicado no Brasil. Há vinte e um anos, acrescenta a nota. Não basta, porém, isto para nos despertar a mais ligeira lembrança. Em todo caso, se a obra nos escapou, não foi de certo por nossa culpa. *Portugal amoroso* andou por essas vitrinas ou essas mezas de redação, jogando ás escondidas conosco. Paciência. Se, num sentido, lamentamos a ignorancia em que, até agora, os caprichos editoriais nos mantiveram, em outro rejubilamos e nos felicitamos. Assim nos foi dado agora gosar uma primeira leitura, com todas as surprezas, todos os regalos do espírito, todas as vibrações do sentimento que as verdadeiras e altas novidades podem proporcionar.

Há muito nos habituáramos a admirar em D. João de Castro a sincera nobreza das concepções e a esmerada propriedade do estilo. Sempre com efeito, em tão extensa e variada produção, aquelas virtudes se nos deparavam. Conheciamos, como tanta gente — e quase diríamos como toda a gente — o seu poema *Jesus;* as páginas líricas do *Lirio Branco* e do *Morgadinho;* as crônicas da *Comedia de Lisboa;* os romances *Morte de homem* e *Sereia amorosa;* a comédia de costumes *Marquês de Carriche;* E agora, *Portugal amoroso* vem fazer que muito mais prezemos esta fidalga individualidade literária. Cada uma das crônicas renuidas no presente volume se coloca no cenário e na atmosfera que inconfundivelmente lhe competem. Em número de nove, correspondem aos séculos da Historia de Portugal. E todas, tanto quanto possível em trabalhos de imaginação, obedecem á verdade de certas épocas ou certos acontecimentos. Outras notas, ao final do livro, lhes revelam a origem inspiradora. São casos que, na realidade, sucederam ou principiaram a acontecer. A uns, o autor do livro os desenvolveu, seguindo-lhes a linha geral dos episódios; de outros apenas se serviu como ponto de partida — tudo o mais é engenho, criação, poesia. Sem aquele apêndice explicativo não distinguiríamos onde está o facto documentado e onde a pura inventiva, tal a desenvoltura da exposição e a espontaneidade dos lances em que se revezam os ímpetos da honra e do heroismo; as resistências do sofrimento; os desvarios da cólera; a dúvida angustiosa; o júbilo triunfante; toda a escala sentimental, passional que vem da primeira esperança ao último desespero...

E' um livro no qual, por entre os caprichos e requintes da fantasia, constantemente se vai aprendendo alguma coisa. Neste escritor, superiormente se irmanam o erudito e o artista.

❋ ❋ ❋

FORA DA VIDA, contos de Vasconcelos Maia — Edições Elo — *Bahia, 1946.*

Fóra da vida vem a ser o título de um dos contos, não, porém, á maneira vulgarizada por Maupassant, o primeiro da coleção. E essa história mesma se passa bem dentro das realidades do nosso mundo e do nosso tempo.

Trata-se do caso de um rapaz a quem chamam Zéquinha, invalidado pela doença e cujo pai vai casar com uma criatura indigna. A primeira esposa foi uma santa; e agora a horrenda mulher que domina o viuvo, invade a casa, vai tomando conta de tudo... A angústia de Zéquinha se agrava á medida que lhe vão falhando as tentativas no sentido de evitar aquilo que será um desastre e uma vergonha. Apelando para a intervenção de amigos sinceros, pessoas de respeito, recorre á autoridade de um sacerdote. Quando vai saber do resultado dessas diligências, o padre lhe responde que ainda não teve tempo e são coisas para se levarem reflectidamente, sem nenhuma imprudência, nenhuma pressa... Zéquinha volta para casa, para a sua cadeira de enfermo, diante da enseada cujas ondas mansas "o tentam com mansos convites". E' a amargura extrema o desanimo. Zéquinha sente que não pode continuar assim; e vai irresistivelmente pensando em se matar...

Doutro gênero, o primeiro conto, *Um clarão dentro da noite*, se desenvolve em rápido movimento para um desfecho sensacional. Depois de uma cena de cais, intensamente observada na expressão das figuras, no carater da linguagem, o saveiro *Fé em Deus*, parte com um carregamento de mercadorias que doutra maneira não podem ser enviadas em plena guerra, por entre os submarinos que alí andam, "como tubarões". Com efeito, o monstro traiçoeiro emerge, diante da tripulação valorosa. Mas o mestre Satú, um dêstes heróis singelos e rudes, heróis de instincto, de essência e que, a bem dizer, nem sabem do próprio heroismo, tinha preparado o seu plano de ação. Prevenira os marujos de que, a um certo sinal, se deviam atirar á água. E, enquanto os alemães vistoriavam o saveiro, arrebatando os comes íveis e vendo se alguma coisa não ia, escondida, a bordo, Satú revolvia entre os dentes, aceso, o charuto de Sarará. De repente, vendo a situação perdida, faz o sinal, todos os seus homens se atiram ás ondas. Há uma saraivada de tiros. O oficial boche puxa o gatilho do revólver, que, desde o começo, empunhava, e Satú baqueia, ferido de morte. Mas o charuto em braza vai até á boca do depósito de pólvora secretamente reservado para a última emergência. Dá-se a explosão do barco, outras se sucedem — e é o fim de tudo.

São páginas sóbrias, mas de forte e veemente eloquência. Outras, como a do *Assassinato*, oferecem dramas, desvarios de paixão; ou se limitam a uma psicologia serena; ou, em *Mendiga*, por exemplo, assumem a feição anedótica. Em qualquer assunto, porém, e tal como exija ser tratado, o estilo do autor se mantém desenvolto e seguro. Só nos parecem destoantes, na harmonia geral, alguns neologismos não apenas dispensáveis como arbitrarios, forçados: patriotismo *criancil*... os flibusteiros não *estuporizaram*... comiseração *ceáricia*... história *mediocrizada* etc. E, realmente, é pena.

❋ ❋ ❋

CANTO DO TEMPO TRÁGICO, poesias de Maria Sabina — Livraria Editora Zélio Valverde — *Rio de Janeiro, 1946.*

São poemetos de guerra. Com a sua imaginação vibrante e a sua nobre emotividade de poetiza, a Sra. Maria Sabina acompanhou, como se realmente as presenciassem, os lances e situações do drama que teve o prologo em Berlim e, agora, o epilogo em Nuremberg. Viu com os olhos da alma sensivel ao extremo o espectaculo da destruição de cidades inteiras, morticinios em massa, navios torpedeados, campos e florestas arrasados, luto imenso, pranto infindo, horror universal. Misérias e catástrofes que tanto a faziam sofrer, simultaneamente lhe sugeriam a beleza sagrada das criações de arte. Ao mesmo tempo que lhe cruciavam o coração, lhe proporcionavam ao espirito formosas e alevantadas concepções. A's vezes, uma ordem do dia no campo de operações ou um telegrama vindo nas folhas ditosamente lhe servia de inspiração. Assim foi, na sua quasi totalidade, composto êste livro. Uma das mais cativantes composições — e bem sentimos não a poder transcrever na integra — é a *Carta de uma madrinha* ao afilhado desconhecido que se bate nas trincheiras italianas e igualmente não sabe quem ela seja. Eis as quadras finais:

A mulher que você não tem na sua vida,
a mãe, a noiva, a irmã, a simples namorada,
quem seria afinal a divina escolhida
se pudesse o desejo arranca-la do nada?

Sua desconhecida e distante Madrinha
é a que seu coração deseja, quando sonha:
se você não tem mãe, é uma doce velhinha,
se deseja um amor, uma jovem risonha.

Quando a angústia chegar implacavel, gelada,
ou quando o instante vier do entusiasmo e da glória,
dos longes da distancia evoque a Desejada:
parecerá surgir do fundo da memória...

Uma cabeça branca... Uma oração materna...
Um coração de noiva ardente e dolorido
na curva da saudade... Uma irmã suave e terna...
E o seu primeiro olhar ansioso e comovido...

Por isso, ao receber esta carta singela
imagine que vem da figura encantada
que floriu no seu sonho e é simplesmente aquela
que a sua vida espera: a mulher desejada.

❋ ❋ ❋

A ÁRVORE QUE CHORA, romance de Vicki Baum, tradução de Othon M. Garcia — Edição da Livraria do Globo — *Porto Alegre, 1946.*

Nem todos os interessados que, nas cotações da praça, tenham acompanhado os preços de compra e oferta do chamado caucho ligarão à noção prática da mercadoria a origem sentimental do nome. Se nos não enganamos, até a designação de caucho veio a ser adotada, no mercado, para uma qualidade inferior ou menos beneficiada, do artigo comercial. Assim o nome primitivo da *hevea brasiliensis*, o *cahuchu* ou *cauchu* dos indios amazonenses, perdeu o seu batismo de beleza ingênua e intuitiva poesia.

Vicki Baum, autora do presente romance, restabelece, na epigrafe que encima o prefácio, aquela tradição enternecedora. Deste modo nos prepara o espirito e a sensibilidade para a história ou as diversas histórias que imaginou com o fim do amenizar, nas suas épocas ou fazes mais notáveis, a autêntica história da borracha. Naqueles episódios ou lances sensacionais, dá a escritora largas á sua fantasia. Nem por isso deixa de respeitar o fundo essencial da verdade que se conhece. O primeiro capitulo, *Missão no Pará*, assim principia:

"Quando o padre Anselmo, acompanhado de um rapazote de nome Manoel e de quatro indios, alcançou, finalmente, o rio Negro, havia quatro ou cinco dias que o grupo estava sem alimentos. Mesmo antes disso, a farinha se esgotara e êles tiveram de se contentar com alguma caça que os indios puderam abater com as suas longas flechas..."

Como se vê, a narrativa de Vicki Baum começa onde os factos começaram. Estilizada ou romanceada, prossegue, tanto quanto possivel aliando ao que os autores deixaram dito o que esta autora, por si mesma, com a sua inteligência criadora ou renovadora, acha necessário ou interessante escrever. Através dos diálogos — de pura invenção está claro — se desenvolvem os processos de exploração e os métodos de aperfeiçoamento industrial daquela dádiva da natureza, aquele manancial que perenemente sobe das seivas ricas e generosas, poderiamos dizer: do sangue e da alma da terra. E não faltam no correr dêstes capitulos os documentos oficiais, os dados estatisticos. A páginas tantas e tantas, até se nos deparam gráficos das extensões de terra em que a seringueira, nativa ou plantada, "chora" a goma preciosissima, ou da produção em diversos paizes ou regiões, entre os anos de 1900 e 1937. Não se pode levar mais longe, entre o rigor dos algarismos e a liberdade das novelas, o engenho conciliador.

❋ ❋ ❋

RECEBEMOS:

Assim como a Balbina, opúsculo de Mrs. O. K., compreendendo numerosos conselhos no sentido de se estabelecer o melhor entendimento possivel entre as donas de casa e as suas empregadas. São Paulo, 1946.

C. P. P. A., relatório geral dos trabalhos, apresentado pela Comissão Executiva da Comissão Paulista Pró Alistamento, comissão aquela composta dos Srs. Edgard Baptista Pereira, Décio Ferraz Novaes e Euclydes Rudge. São Paulo, 1946.

O ovo do mercado, compreendendo os capitulos *O ovo normal*, *O ovo anormal*, *Classificação e Conservação* e *Bibliografia* — por Newton G. Alves. Publicação do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1946.

Cooperação, ano IV, volume VIII, n. 45. Publicação da Secretaria de Obras Publicas do Ceará. Fortaleza, 1946.

[illegible], discursos pronunciados no acto inaugural da Primeira Exposição do Livro Feminino, com prefácio de Adalzira Bittencourt, organizadora da mesma exposição.

Saber ser sedutora é um dos atributos da mulher bem feminina... Glória Grahame — Foto RKO Radio.

NOS BASTIDORES FEMININOS

NÃO há encantos que superem os da feminilidade... Uma mulher cem por cento feminina, é tudo o que se pode desejar. Reparem bem nas opiniões que os homens têm, sobre essas mulheres dinâmicas e másculas que com eles disputam a primazia em todos os setores da vida. Apreciam-nas, é verdade, mas nunca as quereriam como esposas.

O que eles, os homens, apreciam na mulher, é o que justamente mais falta nessas criaturas que se masculinisam julgando assim poder viver mais de acordo com a época.

Não pense, no entanto, minha bôa amiguinha, que ser feminina quer dizer ser fraca, fútil, humilde, submissa e sem personalidade. Nada disso. A mulher pode ser enérgica, forte, ter personalidade e ser feminina. Uma cousa não exclui a outra.

Agora não vá interpretar mal o termo feminilidade, e transformar-se numa bonequinha vazia, cheia de "ais", de "gestinhos" de gata, enfeitada de babadinhos e rendinhas. Seria falso e ridículo.

A mulher feminina é, ao nosso ver, aquela que tem compreensão perfeita dos seus direitos e deveres, — e bôa esposa, bôa mãe, bôa dona de casa, bôa amiga. Tem uma palavra de conforto e um sorriso de anjo para todas as pessoas, seja qual fôr a sua classe social: sabe ceder quando necessário e sabe lutar quando preciso fôr.

E' graciosa e o seu "toque" sente-se em tudo o que a cerca. Sua graça se extende à sua maneira de vestir, andar, falar...

Enfim, é mulher em toda a acepção da palavra, e como mulher ela pensa e age.

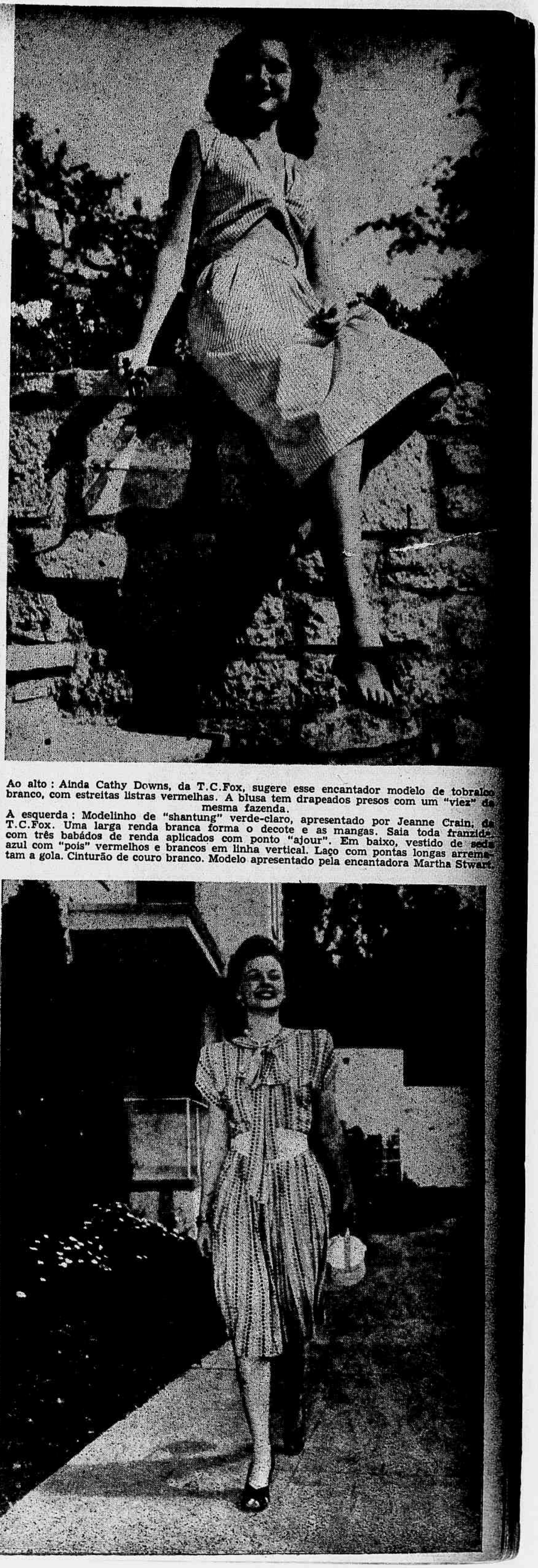
Creia, minha amiga, essa é a mulher com a qual todos os homens sonham casar.

KITTY

MODELOS

Ao alto : Para a praia, Cathy Downs usa "maillot" de algodão listrado, com gracioso saiote sobre o calção. Pode ser verde e branco, ou azul e branco. À direita : Para os dias menos quentes, Martha Vickers, da Warner Bros., sugere este modelo de lã muito fina, de gola alta e saia franzida. Em baixo : Carole Landis, TCFox, usa blusa de seda vermelha, com franzidos no decote e saia ampla de seda estampada, com fundo branco. Bolsos embutidos na saia.

LIGEIROS



Ao alto : Ainda Cathy Downs, da T.C.Fox, sugere esse encantador modêlo de tobralco branco, com estreitas listras vermelhas. A blusa tem drapeados presos com um "viez" da mesma fazenda.

À esquerda : Modelinho de "shantung" verde-claro, apresentado por Jeanne Crain, da T.C.Fox. Uma larga renda branca forma o decote e as mangas. Saia toda franzida com três babádos de renda aplicados com ponto "ajour". Em baixo, vestido de seda azul com "pois" vermelhos e brancos em linha vertical. Laço com pontas longas arrematam a gola. Cinturão de couro branco. Modelo apresentado pela encantadora Martha Stwart.

Donna Reed, "estrela" da Metro-Goldwyn-Mayer, é não só uma atriz de talento, como também uma mulher elegante e de muito bom gosto. Donna diz que qualquer pessoa pode ser "chic" desde que saiba vestir-se com sobriedade e distinção, sendo importante saber escolher a "toilette" indicada para cada hora e ocasião. Aqui ela oferece às nossas leitoras as suas encantadoras sugestões : — da esquerda para a direita : Para a mulher que trabalha, ela recomenda o uso do "tailleur". O que apresenta aqui, é de tropical azul marinho, de gola arredondada e largas palas sobre os bolsos. A blusa é de cambraia branca enfeitada com rendas. À tarde ela usa este belo vestido de seda preta com transpasse na blusa e franzidos na saia. Dando um "ar" bem feminino, gola e punhos de organza e rendas finas. E agora o jantar... Modelo muito "chic" de seda preta, com a parte superior da blusa de gase preta, enfeitada com laços de veludo. Finalmente o baile... Modelo de musseline branca com incrustações de renda na blusa. Laços de fita estreita de veludo verde e cinto do mesmo veludo. Saia "godet" com bastante "godet".

PARA TODAS AS HORAS DO DIA...

UM LINDO MODELO PARA A NOITE

Bonitíssimo modêlo para a noite, sugestão de Marcine Reynolds, da Universal. E' confeccionado em jersey de seda azul claro com enfeites de vidrilhos em côres vivas. "Drapê" na blusa e na saia. Êste elegantíssimo vestido poderá ser usado em jantares "cocktails" ou recepções.

PIJAMAS

Esther Williams no alto e Dana Reed em baixo, são as duas encantadoras brunetas que oferecem às nossas leitoras estas lindas sugestões para o pijama. O primeiro é um modêlo bastante original, executado em pesado seda, numa linda combinação das côres azul claro e marfim. O segundo é um modêlo clássico em xadrez branco, lindos bordados em marfim na gola. Tôda mulher em casa não se pode passar sem êstes pijamas de mesmo tecido.

TRIUNFA O

LISTRADO

marroquin de listras havana e branco. Um gracioso movimento de pélerine, cobre os ombros.

A seguir — Carven — Vestido de campo de listras verdes e brancas. Um trabalho interno de nervuras une as listras e dá amplitude ao vestido. Robert Piguet — "Duas-peças" executado em seda listrada verde e branca. Recortes no casaco formam interessantes desenhos. À direita, de cima para baixo: Maggy Rouff — "Manteau" em crepe Himalaya branco, com a parte interna em crepe Himalaya de listras vermelhas e brancas. A gola do festido é do mesmo tecido listrado. Nina Ricci — Vestido de largas listras verdes e brancas. Curioso e minucioso trabalho formam original desenho. Callot Soeurs — Traje praiano em tecido pekin, branco e azul. Listras em sentido contrário são aplicadas de alto a baixo. Bolero do mesmo tecido.

E' PRECISO SER BELA

HOJE mulher alguma ignora que para se obter uma aparência de beleza é necessário antes de mais nada que o "make-up" seja natural e perfeito. Existem no entanto pequenos detalhes que muitas ainda ignoram e que são de grande importância.

Gloria Grahame "estrelinha" do elenco da MGM, mostra-nos alguns dos seus segredos e... francamente... Miss Glória merece ser tomada em consideração.

★

"As sobras do pó de arroz (fig. 1) devem ser removidas com uma escova macia, evitando-se assim que o pó se acumule e contribua a aparência vulgar do "make-up". A sombra dos olhos, diz ela (fig. 2) deve ser aplicada logo abaixo das sobrancelhas e não sobre as palpebras como em geral é feito. Dá aspecto mais natural e bonito. Os olhos merecem os maiores cuidados (Fig. 3) o cosmetico nos cilios é indispensavel porque aumenta o tamanho e o brilho dos olhos. No entanto, não se deve esquecer que uma pesada "mascara" produz resultados completamente inversos".

DISTRIBUIDORES: CIVIA S/A Av. Rio Branco, 311 - 2º — Tel. 22-1848

FIGURAS E FATOS

UMA AUDIÇÃO NA A. B. I. — A 12 de outubro, no auditório da A. B. I., realizou-se com o maior brilho a audição dos alunos da professora Áurea de Castro Lobo, diplomada pela Escola Nacional de Música. Os alunos executaram Chopin, Mozart, Beethoven, etc., com grande aproveitamento. Na gravura, está a professora ao lado dos seus alunos de piano.

O AVIÃO "CASPER LÍBERO" — Afim de batisar avião "Casper Líbero", foi a São Paulo o jornalista Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que na capital paulista recebeu as mais expressivas homenágens dos seus colegas. O dinâmico presidente da A.B.I. aqui aparece ao lado de Eduardo Pellegrini, presidente da Associação Paulista de Imprensa, e do jornalista Nelson Vainer, colaborador da REVISTA DA SEMANA, durante uma festa que lhe foi oferecida, quando do batismo do avião "Casper Líbero".

DISTINÇÃO A UM MÉDICO BRASILEIRO — O Dr. J. Almeida Rios, chefe do Serviço de Cirurgia Infantil e Ortopedia da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro, acaba de ser distinguido com uma eleição para membro do Colégio Internacional de Cirurgiões, com séde em Genebra, na Suiça.

NO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA — Teve grande êxito a audição dos alunos da classe de piano da professora Ruth Hannequim do Valle, realizada no auditorium daquele educandário. A professora posou para o fotógrafo entre as alunas.

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDENCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Cada aluna receberá absolutamente GRÁTIS

Figurinos de última moda
Carteira de Identidade
100 Cartões de Visita
Serviço de Consulta

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CX. POSTAL, 5058 - S. PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS E SEM COMPROMISSO, o folheto e as informações completas sôbre o Curso de Corte e Costura.

463

Nome .....
Rua .....
Cidade .....
Estado .....

Só para ELE

(Continuação da pág. 12)

quenas economias e as suas grandes esperanças e se decidiu a partir. Muitos o desanimaram, quando souberam desta sua idéia. Diziam-lhe alguns, francamente, que ele ainda não estava em situação de competir com grandes pianistas. De fato, quase nada estudara. Mas tinha um temperamento artístico muito acentuado que o fazia pôr, sempre, no que tocava, um pouco de sua alma. Mas evidentemente isto, apenas, não satisfaz. Os grandes auditórios são exigentes, requerem do executante absoluta virtuosidade. Muitos acentuavam todas estas coisas, procurando dissuadi-lo. Mas ele permanecia inabalável. Queria ser um artista, custasse o que custasse. Tinha fé em seu talento, confiava em sua capacidade de estudar. Mas se esquecia da parte financeira de sua vida. E assim foi que numa tarde muito límpida, na hora em que a vila parecia dormir uma sesta cheia de tranquilidade, a estação de Bem-Te-Vi ficou bem mais cheia do que o costume. Na hora da despedida todos lhes desejaram belos triunfos. O Manoel Calça Preta, filósofo do vilarejo, que falava sempre como se estivesse arrancando as palavras do fundo de um poço, fez para ele uma pequena preleção sobre "a trancendentalidade de sua arte". A Joaninha, que ficava sempre cismarenta, com o olhar perdido muito longe quando ele tocava e que sempre batia as palmas mais prolongadas depois de suas execuções, estava triste neste dia e a todo momento passava um pequeno lenço bordado pelos olhos. Estava gripada, dizia. Até o médico viera dando-lhe uma grande alegria. Toda a "cidade" estava ali. Na hora em que o trem partiu, ele, debruçado em um das janelas ainda pôde ouvir o "seu" Fortunato dizer ao Manoel Calça Preta que aquele "menino" prometia e que ainda seria recebido em Bem-Te-Vi com discursos e banda de música. Afinal ficou sósinho dentro do trem, indo em busca de alguma coisa desconhecida, que tanto podia ser o beijo inebriante, e sempre desejado, da gloria, como o desesperado so-

luço do fracasso. Mas nada disto lhe importava. Ele queria, acima de tudo, aperfeiçoar a sua arte. Fazer com ela que os outros homens pensassem em algo que está acima dos interesses financeiros da vida. Fazer que os seus corações, quando o ouvissem, sonhassem com um mundo melhor onde a bondade e a compreensão tivessem um sentido mais positivo e real. E que, ajudados pela harmonia, da qual ele seria um humilde, mas sincero, realizador, este sonho fosse aos poucos deixando de ser sonho. Assim nada poderia amedrontá-lo. E foi com esta bôa disposição, confiante em seu destino, que ele chegou na cidade desconhecida e achou aquele quartinho modesto para passar a noite. Mas aos poucos o seu ânimo, a sua confiança, foram diminuindo. O morcego triste da desilusão dava largos voltetos em sua alma. E nada é mais doloroso de que este vôo sem tréguas. Nos últimos dias passara fome, pois, sensível como era, mal tinha coragem para oferecer aos transeuntes os seus bilhetes de loteria. Finalmente, naquela noite, o seu desespero e a sua fraqueza chegaram ao máximo. Não sabia onde ir, o que fazer. Andava, andava sempre apesar de sua quase completa inanição. O seu estômago doia terrivelmente. Grilos cantavam em sua cabeça. As suas pernas iam ficando cada vez mais bambas. Ante os seus olhos dansavam estrelas de todas as côres, predominando as vermelhas. Os seus pés agora pareciam pesar dez quilos cada um. Era com um imenso esforço que ele conseguia levantar um, depois o outro... um, depois o outro...

— Sai da frente, idiota! Parece que não encherga.

O carro passou raspando em suas roupas e seguiu rápido sem importar com o que ficava atrás. Com o susto ele caiu, quase perdendo os sentidos e conseguiu, com muito esforço, se arrastar para o passeio, onde àquela hora ninguém passava. Encostou-se a uma parede e fechou os olhos. E foi então que começou a ver. Desta vez era verdade, não havia dúvida. Nada de sonhos. Era ele, sim, mas estava vestido como aquele artista de cinema que vira, logo que chegara, num cinemazinho de bairro, com uma roupa preta e uma esquisita gravata branca. Estava num palco e na sua frente via uma infinidade de rostos que pareciam embevecidos, a ouvi-lo. Os seus dedos escorregavam ligeiros como se tivessem asas. O seu corpo vibrava todo. Os seus

RUGÓL
O CREME AMACIEZADOR DA PELE

ouvidos enchiam-se com os sons que ele próprio criava. Depois as luzes foram desmaiando, aos poucos. Foi quando veio chegando para ele, muito de mansinho, aquela jovem que aparecera em seu quarto no dia de sua chegada. Mas, não. Somente o corpo e as roupas eram os mesmos. Porque o rosto era o de Joaninha, que trazia um sorriso indefinível, como uma mensagem de esperança e consolo. Ele quis segurar-lhe as mãos. Mas o vulto foi saindo como chegara, suavemente, como se estivesse no céu e não quisesse acordar os anjos que dormissem. Ele ainda a chamou pelo nome. Mas inútil. Tudo ia desaparecendo, desaparecendo... e se integrando em todas as coisas da Terra, desde a obra destruidora dos vermes até o gorgear despreocupado dos pássaros, que, talvez, se compreendessem, compusessem um canto só para ele.

DENTIFRICIOS PANNAIN

Senhoras! Se a Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

Portinari, o autor dos cenários de "Yara".

OS SANTOS DE CASA E OUTROS

Tio Sam recebe os brasileiros — Yara, talvez um plágio, não agrada — O fenômeno Villa-Lobos — Cláudio Santoro, Guggenheim e outros assuntos — Talento, o melhor pistolão — Eleazar de Carvalho chega, viu e... perdeu.

(De ROBERTO LYRA FILHO)

Depois do vasto, de êxito fulminante, empreendido por Villa-Lobos aos Estados Unidos, muitos artistas nacionais chiaram e resolveram entretanto os americanos, fora das embaixadas oficiais, que forçam a condescendência pelo caminho do cipó, a hospitalidade e assim, vemos hoje em vários capítulos o desfile dos que embarcaram, tendo em vista glória e fortuna que pareciam acenar como um anúncio luminoso no último andar de um arranha-céu naquelas plagas.

O método preconizado pelo compositor dos "Bachianas" é muito simples. Tome uma longa dose de talento, um pouco de [illegible] dedicação, componha, estude, e leve aos [illegible] o resultado de seus esforços. [illegible] ele muito bem ser que eles gostem. [illegible] daquele mesmo músico que, depois [illegible] turnê [illegible] a Paris, disse que [illegible] aprendera de novo por lá, foi, viu e [illegible] deu no tempo do Tio Sam.

Sempre é mais prudente fazer [illegible] bem simbolicamente, mandando suas [illegible] posições para que a acolhida, favorável [illegible] seja proporcional de antemão ou o [illegible] tum que o sucesso seja pronunciado [illegible] ousadia. Assim, Francisco Mignone [illegible] de [illegible] sem conseqüên[illegible] [illegible] expediu a sua "[illegible] que lá chegando, foi recebido com [illegible] reserva. Enquanto isso, aqui no Rio [illegible] escrever outro libreto, diz ele [illegible] pelo Coronel De Basil [illegible] escrupulo exultava. "Yara [illegible] As únicas modificações que [illegible] De Basil pôs nela foram [illegible] inclusive a música que eu queria [illegible] Villa-Lobos e ele deu a Francisco Mignone. E olhem o resultado..."

Mas Mignone tem muito mas não [illegible] pareceu a quem ouviu [illegible] rapidamente [illegible] esquecidas nas gavetas [illegible] de sua secretária [illegible]

[illegible] de Almeida, que escreveu [illegible] de "Yara".

Francisco Mignone, compositor da música de "Yara"

E OS MILAGRES NA AMERICA

das para o libreto do poeta Guilherme de Almeida que já foi descrito com toda a fidelidade por um crítico da seguinte forma: "O Guilherme, que é até um bom poeta, às vezes, parece que tomou uma indigestão de folclore — percorreu as fontes menos autorizadas, as obras completas do Gustavo Barroso, — e depois foi deitar-se. O resultado foi um pesadelo, que ele despejou quase em transe, no papel".

"O melhor do "ballet", disse alguem, são os trajes, criados por Portinari". **Snob**, este **entendido** apontou, justamente, um dos que o Coronel De Brasil tinha substituído "por coisa mais vistosa", segundo nos informou justamente a bailarina que o envergava.

SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE

Mas com essa nova versão do "faire l'Amérique", ontem privilégio de franceses à cata de prosperidade, muitas surpresas temos tido. Assim, o antigo provérbio "santo de casa não faz milagre" se confirma nessas excursões. Não faz muito tempo, um crítico nos informava que a música de Claudio Santoro, Kollreutter e o grupo músico viva em geral, de nada valia. Aceitamos o julgamento, sem dúvida mais autorizado do que o nosso, mas continuamos a reconhecer, sobretudo na figura moça de Cláudio um dos mais vigorosos talentos musicais da nova geração. Mas ,agora, parece que, além da consagração de um musicólogo como Curt Lange, além do pronunciamento de mestres europeus, além das palavras de entusiasmo de Charles Munch, a própria Guggenheim, a bolsa de maior prestígio no mundo musical, através das maiores autoridades, em competição internacional disputadíssima, concedeu a vitória a Claudio Santoro. O nosso despretencioso palpite de cronista ficou, assim, confirmado, em que pese a autoridade econômica, a erudição, nesse caso, inutil do crítico...

UM COMPOSITOR EM APUROS

E como "santo de casa não faz milagre" os nossos santos estão indo fazer milagres no estrangeiro. Reunindo armas e bagagens, o maestro Eleazar de Carvalho foi exibir as suas credenciais artísticas na América, montado no prestígio de Villa-Lobos, conforme vem confessar em

(Continua na pág. 51)

Eleazar de Carvalho, que regeu Debussy sem sucesso...

Beleza que perdura

Sonho de tôda mulher que deseja manter sua beleza através dos anos... Ideal que a senhora realizará facilmente cuidando da sua pele durante alguns minutos por dia com os produtos de Helena Rubinstein.

CREME PASTEURIZADO elimina tôdas as impurezas da cútis 35,
SABÃO EM CREME purifica a cútis, evita cravos e espinhas 35,
CREME REVITALIZADOR nutre a pele, tornando-a fresca e sadia 35,
LOÇÃO ADSTRINGENTE fecha os poros e tonifica a cútis 35,

Complete os seus cuidados com o tratamento "Hora de Beleza", aplicado nos Salões Helena Rubinstein. Sob a ação rejuvenescedora do tratamento, sua cútis adquire uma nova vitalidade e resplandece de encanto juvenil.

helena rubinstein

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 311 — TEL. 42-1442

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

O mundo é
seu pelo
CLIPPER
NOVA ORLEANS - via de acesso ao coração da América do Norte e paraíso dos turistas. Inúmeras são as pessoas que retornam anualmente, atraidas pelo encanto gaulês da cidade, pela sua atmosfera européia, seus excelentes restaurantes e a mundialmente famosa "Mardi Gras". Faça sua próxima viagem a Nova Orleans - rápida e confortavelmente - pelos Clippers quadrimotores da Pan American World Airways. Procure seu agente de viagens ou a agência local de passagens da PAA e reserve seu lugar sem demora.
10.064 (BP-69-E)
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

PÍLULAS DE BRISTOL
Vegetais e açucaradas
Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

Os santos de casa...

(Continuação da pág. 49)

carta divulgada pela imprensa. Aquele que em Villa-Lobos teve um amigo, na hora de necessidade, se penitencia do que dele disse impensadamente. Fica-lhe bem essa atitude nobre de reconhecimento de erros e julgamento apressado.

O resultado da peregrinação de Eleazar de Carvalho nos chega agora. Será, sem dúvida, benéfica essa viagem ao jovem compositor e regente patrício. Ele voltará mais equilibrado, menos gentoso, depois do banho vigoroso de crítica que lá recebeu. Koussevitzki que, atendendo a solicitação de Villa-Lobos, tomou o Eleazar entre seus discípulos disse-lhe de saída: "Você, meu caro amigo, precisa começar do princípio".

Como estamos longe dos dias em que Eleazar de Carvalho preparava a partitura de uma ópera em quinze dias, igualando a proeza de Rossini, e se arrependia, depois, amargamente o que, decididamente o criador do "Barbeiro de Sevilha" não teve que fazer!...

Em Tanglewood, propriedade pertence à Orquestra de Boston, Koussevitzki ganhou um templo da música. Seus admiradores construiram, pacientemente, um grande auditório, que é o sonho acústico de um compositor, para que alí, durante os verãos, se realizassem os festivais com que o maestro sonhava. Para agradar a Koussevitzki basta dizer que Tanglewood é uma segunda Salzburg...

Eleazar de Carvalho deve ter dito isso — e muito mais, porque o maestro lhe deu a batuta para que regesse uma orquestra de alunos. A peça escolhida: "Après Midi d'un Faune"... O resultado: um ruidoso fracasso.

Disse Koussevitzki:

— Talvez você reja melhor música brasileira, meu filho. Porque Debussy... hum... não pode ser!

Um jornalista americano tomou conta da história e descreveu, baseado no incidente, um passeio do jovem brasileiro pelos domínios da arte francesa, cheio de trancos e safanões.

TALENTO, O ÚNICO PISTOLÃO

Não podemos chegar à conclusão de que lá nos Estados Unidos somos maltratados. Pelo contrário. Sempre nos ouvem com atenção, sempre reservam para os brasileiros que lá aparecem boas oportunidades. Mas, concedida estas, vale cada um pelo talento, independentemente da nacionalidade. Talento genuino, habilidade real, gênio — o que é mais raro — serão bem aceitos e bem pagos. Mas não lhes mandemos artigos de menor valor, porque o sarcasmo com que um Olin Downes tratou "Yara" e a ironia com que Virgil Thompson falou de Eleazar de Carvalho desabarão sobre a cabeça do mais audacioso e só o coração bondoso, a eterna solicitude de Deems Taylor encontrará meios de fazer diplomacia e política de boa vizinhança em matéria tão afastada dessas cogitações.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

VARIZES E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus
PETTINATI
USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Os pés de galinha sob os olhos, as pequenas rugas, são perigosos sinais do afrouxamento da cutis em consequência de um tratamento insuficiente ou errado da pele. Esses sinais, tão temidos, muitas vezes, já começam aos vinte anos e em pouco tempo dão ao rosto uma aparência precocemente cansada e envelhecida.
Use diàriamente o
CRÊME NUTRITIVO VITAMINOSO MAKIL,
para evitar e combater o envelhecimento prematuro da pele, tornando-a macia, alva e atraente. Contendo a Vitamina "F", empregada hoje em dia pelos peritos dos mais famosos institutos de beleza, é o meio moderno para a perfeita nutrição da cutis. Prospecto gratis. Envia-se também pelo reembolso postal. Caixa Postal 345. Rio. Fone 42-15-87.
MAKIL

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Alimenta a pele — Contra as rugas
À VENDA EM TODA PARTE

Há gente na "fila" para ler a continuação de "...E o vento levou"!

(Continuação da pág. 18)

Passaram 823 páginas, um em busca do outro, para se encontrarem, porém, felizmente, tudo acabou bem. E o romance "Amanhã é um outro dia" termina. Se ele fosse publicado, seu sucesso seria tão grande quanto o de "...E o vento levou". Não tenha a menor dúvida a respeito...

AS EXPLICAÇÕES DE ROGERIO PONGETTI

Terminou o romance, mas não terminaram as preocupações de d. Amélia Rezende Martins, preocupações essas que veem da proibição de Margaret Mitchell em publicar o livro. Façamos um parêntesis em nossa entrevista com d. Amélia e ouçamos Rogério Pongetti, que editou no Brasil "...E o vento levou", e que não se nega a palestrar com o jornalista:

— A respeito de "...E o vento levou" tenho muito pouca coisa a dizer. Li o romance em italiano, quando tive uma gripe, e o sucesso que ele fazia em vários países do mundo, me animou a editá-lo no Brasil. Aliás, cumpre frisar as re-edições se sucederam e o livro se constituiu, em breve, um "best seller". Até hoje, Margaret Mitchell recebe, nos Estados Unidos, dinheiro da edição brasileira. A autora ficou rica com o romance: ganhou muito dinheiro e muita fama. Depois, não quis mais escrever uma linha. E é justo que não tenha permitido a edição de "O amanhã é um outro dia", pois que de acordo com a lei de direitos autorais cabe-lhe inteira propriedade de seus personagens. Só ela pode usá-los ou dispor deles. Em verdade, fui consultado pela sra. Amélia Rezende Martins acerca da possibilidade de editar a continuação de "...E o vento levou". Fiz-lhe ver que não era possível. Ela, então, procurou uma agente literária para entrar em contato com Margaret Mitchell, a qual se opôs a que o livro "Amanhã é um outro dia" viesse a lume, no que tem toda a razão, visto que, naturalmente, não deseja uma competição indesejável. Mitchell chegou mesmo a nos escrever proibindo qualquer edição de romances com os personagens que ela criou.

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...
e saltará da cama disposto para tudo
Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se êste suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e êstes fermentam nos intestinos. Então sobrevem a sensação de fartura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pílulas Carter para o Fígado, para fazer com que êsse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pílulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr$ 3,50.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracterisa por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Nenhum editor, brasileiro ou chinês, turco ou esquimau, poderá publicar continuação de "...E e o vento levou". Se alguém pudesse editar a continuação, talvez até fosse "golpe". Mas o caso é que ninguem pode...

AS TRÊS CARTAS DE MARGARET MITCHELL

D. Amélia Rezende Martins procurou, por meios legais, conseguir a autorização de Margaret Mitchell para publicar a sua continuação de "...E o vento levou". Para isso, entrou em contato com a agência literária Dona Carlota (Rua Almirante Alexandrino, 306, apartamento 301), desta capital. Cartas foram trocadas entre os responsáveis por essa organização e a escritora norte-americana. Três cartas, aliás, nas quais Mitchell se reservava o direito de prosseguir ou não em seu romance e não permitindo que qualquer outra pessoa dele fizesse uso. Queixava-se a criadora de Scarlett O'Hara que muitos aborrecimentos já lhe dera o famoso livro: tentativas de plágio haviam sido feitas e as buscas históricas que fizera para reviver os anos da guerra da Secessão lhe haviam consumido um tempo incrível. Portanto, como pensaria uma brasileira, distante, muito distante da vida americana que poderia compreender perfeitamente as reações de Scarlett e Rhett perante a sua sociedade? As três cartas acima referidas e que se encontram em poder da Agência Literária D. Carlota estão guardadas cuidadosamente sem autorização de Margaret Mitchell não

Falamos todos por experiencia propria:

limpa mais

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua borbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes sem arranhar o esmalte.

este creme dental antissético...

agrada mais

Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentifrício: é um creme dental antissético, agradavel a adultos e crianças.

rende mais

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.

serão mostradas a ninguém e foi inútil o empenho deste reporter para lê-las e publicá-las.

CONCLUSÃO

Chegamos, assim, ao fim desta reportagem, na qual se contou a história de um romance — continuação de um outro livro — que vive no "underground" literário brasileiro. Os originais de d. Amélia Rezende Martins — com um número de palavras igual ou superior ao de "...E o vento levou" — permanecerão distantes do grande público, pois nenhum livreiro, mesmo que Rogerio Pongetti acredite ser um êxito de livraria, se aventurará a transformá-los em livro, e isso pela simples razão que, de fato e de direito, apenas Margaret Mitchell é senhora indiscutível e implacável dos destinos de seus personagens. Quanto à sra. Amélia Rezende Martins, que além de continuadora de romances alheios é, também, nas horas de lazer, pedagoga e musicista, bem poderá se dedicar, doravante, à composição da continuação, ou melhor a conclusão da "Sinfonia Incabada", de Schubert. A melodia caiu em domínio público, o autor já morreu e não poderá protestar...

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlinica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edf. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4389 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Durante o "cocktail party que os estúdios da Paramount ofereceram aos intérpretes de "Só resta uma lágrima", o diretor Mitchell Leiser deu à Olivia de Havilland uma miniatura em ouro do famoso "Oscar" que é outorgado pela Academia ao melhor ator e melhor atriz do ano.

★

Wanda Hendrix, encantadora garota de 17 anos de idade, que faz sua estréia na tela em "Blue Kies", ao lado de Bing Crosby, acaba de ser graduada no curso ginasial dos estúdios da Paramount, obtendo os primeiros lugares em literatura americana e história.

★

Quando filmava a cena de um "party" em "Louca inocência", o ator James Brown recebeu um telegrama de Waxahackie, no Texas, participando o enlace de sua progenitora, senhora Cordie Brown, com o fazendeiro Robert Walker, realizado naquela cidade.

John brindou a boa-nova com uma taça de chá gelado (que no party do filme passa por champanhe), e, logo após telefonou à sua mãe desejando-lhe felicidades.

★

Robert Culver, discreto e comedido ator do teatro e do cinema britânicos, no momento alvo das atenções dos críticos pelo seu soberbo desempenho ao lado de Olivia de Haviland em "Só resta uma lágrima", acaba de assinar um contrato que o prende por sete anos aos estúdios da Marca das Estrelas.

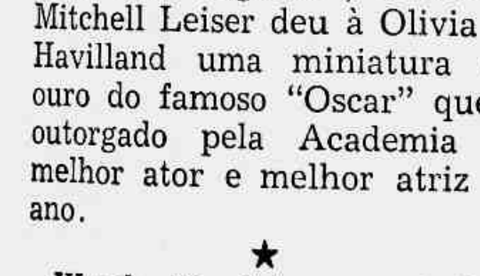
★

Mr. Culver, que foi o primeiro ator a cruzar os mares rumo à capital do cinema, após a terminação da guerra, recebeu um ótimo papel em "A valsa do imperador" (The Emperor Waltz), filme de Joan Fontaine e Bing Crosby.

★

O Departamento musical dos estúdios da Paramount anda agora às voltas com a procura de autênticas músicas ciganas da Hungria, para serem interpretadas por Marlene Dietrich em "Golden Earings", produção na qual ela desempenha, ao lado de Ray Milland, o papel de uma sedutora "buena dicha".

O argumento do filme exige uma inebriante melodia que assinale a presença de Marlene na tela, melodia essa que será o "leit motiv" da partitura musical.



Moléstias da Pele e do couro cabeludo?

A VENDA EM TODO O BRASIL

PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

LYTOPHAN

O LIVRO BARATO ESTIMULA A LEITURA

Com as edições populares Penguin e Pelican a Inglaterra desenvolve a indústria editorial.

De NOEL CARRINGTON, especial para a REVISTA DA SEMANA".

LONDRES, outubro — A arte de imprimir exige do artista sobretudo um espírito de renúncia. Uma página bem impressa é notada mais pelo contraste que apresenta com outra má impressa do que pelo seu próprio mérito. Se os pensamentos do autor são transmitidos ao leitor sem que este tenha conciência do veículo, o tipógrafo realizou um bom trabalho. Isto é uma cousa dura de dizer a um tipógrafo, mas é a essência da arte de impressão.

Metade da arte tipográfica é ciência; a ciência da legibilidade no que se refere às palavras; da fidelidade quando se trata de gravuras. Certos padrões foram reconhecidos pelos tipógrafos sérios e que devem servir de guias a todos os aspirantes e que no futuro deverão colocar em perspectivas corretas as tentativas para decorar e estilisar. Assim os famosos livros de Williams Morris, para os quais ele desenhou um tipo especial de letra preta, são agora conhecidos mais como curiosidade do que como obras primas da arte de imprimir. Morris, como um grande artista criador, reagiu violentamente contra o livro vitoriano, que era realmente mal apresentado. Os tipos eram demasiadamente pequenos e as letras muito finas para serem lidas com facilidade. Morris foi ao outro extremo; mas nem por isso seus livros se liam mais fàcilmente. No entanto, esse gesto de desafio fez com que outros impressores pensassem novamente sobre sua arte, de modo que ele é hoje reverenciado como o inspirador da geração seguinte, daqueles que fizeram da arte tipográfica britânica o que ela é hoje, a mais adiantada do mundo.

Pois em país algum é "a média" tão elevada. E' possível que em várias capitais européias sejam produzidas "edições de luxo" de mais originalidade e explendor, mas a arte tipográfica de um país deve ser julgada pelo padrão geral, e este, particularmente no campo dos livros, é na Inglaterra notavelmente alto.

Mesmo na impressão de revistas e catálogos comerciais, a Inglaterra está pouco atrás do elevado nível atingido dos Estados Unidos, embora a atenção dada a este tipo de impressão na América tenha estimulado o seu aperfeiçoamento técnico.

Talvez o mais interessante desenvolvimento antes da guerra seja o livro de seis pence, capa de papel, que estava se transformando numa instituição popular entre todas as classes inglesas e não se limitava às reedições. O pioneiro nesse terreno foi Allen Lane, com suas séries Penguin e Pelican, e sem dúvida alguma a literatura a preços tão razoáveis estimulou não só a leitura mas também a posse de livros. Até então, todos os livros ingleses tinham capa de pano, prática que diferenciava a Inglaterra fortemente da prática continental. Os livros Penguin, bem impressos, compactos e cômodos, introduziram uma grande alteração nos hábitos nacionais e dentro em breve circulavam entre o vasto público que lê em língua inglesa em todo o mundo.

O formato Penguin foi adotado durante a guerra pela Britsh Publisher's Guild, que publica livros a preços similares. Trata-se de uma organização em bases cooperativas, que inclui as principais casas editoras do país. Uma inovação interessante é a publicação de livros Guild em línguas estrangeiras. Acredita-se que talvez seja necessário fornecer livros aos países devastados da Europa, tal como estamos fornecendo roupas e alimentos.

A guerra não matou a vitalidade da arte tipográfica na Inglaterra, embora tenha submetido a rudes provas, algumas decorrentes da escassez de papel, outras da escassez de mão de obra especializada. Muitos livros tiveram de ser impressos em tipos muito miudos, com espaço reduzido, por causa da falta de papel. O papel é muitas vezes de qualidade inferior. Mas os altos padrões continuam. "The Times" continua a ser o jornal mais bem impresso do mundo. Ainda saem da University Press e de outras editoras livros capazes de resistir às críticas mais severas. Os livros de 6 pence passaram a 9 pence, mas a sua qualidade e o seu valor literário são os mesmos. — (Copyright do B. N. S.).

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

(Continuação da pág. 13)

da Warner Brothers e acaba de se desligar dessa companhia, para trabalhar no cinema inglês, — e para dois "astros", um de maioridade, Zachary Scott, o cínico elegantíssimo de "A Máscara de Dimitrios" e de "Alma em suplício" e intérprete, tambem, de "Amor à terra"; e, outro, de calças curtas, o ator infantil Jack "Butch" Jenkins, que surgiu em "A Comédia Humana", veio depois em "O roseiral da vida" e agora vai reaparecer ao público em "O pequeno Mr. Jim" (Little Mr. Jim). Houve surpresa para muita gente quanto à escolha de Joan Leslie. Mas não houve surpresa alguma na indicação de Zachary Scott, considerado a maior descoberta masculina desde a de Gregory Peck, nem na de Jack "Butch" Jenkins, que, parece, vai seguir as pégadas de Jackie Cooper, refilmando "O campeão" e outros filmes que ele fez em companhia do incansável Wallace Beery...

O QUE VEM A SER "COINCIDÊNCIA"

— "Só agora sei o verdadeiro significado da palavra coincidência", disse Ann Richards a um jornalista num intervalo da filmagem de "A esperança não morre" (The Searching Wind).

Em outubro do ano passado, quando se encontrava em visita a Nova York, Ann foi assistir à peça teatral "A Esperança não Morre" e ficou tão impressionada com o desempenho de Cornelia Otis Skinner, que teve ímpetos de ir ao camarim da estrela cumprimentá-la por sua admirável "performance", só não o fazendo porque sua natural timidez a impediu.

— Miss Skinner estava formidável e eu tive vontade de dizer-lhe que não se poderia imaginar outra pessoa para aquele papel —, acrescentou Ann, a sedutora australiana que fez seu "debut" no cinema em "Um Amor em Cada Vida".

Curioso é que agora, precisamente um ano após esse acontecimento, Ann Richards se encontra na situação da tal outra pessoa que ela não poderia imaginar para aquele papel... ao ser convidada pelo produtor Hal Wallis para viver na tela o papel que Cornelia interpretou no palco, em "A Esperança não morre".

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
À VENDA EM TODA PARTE

LIZ ESTEVE EM LONDRES

Tantos foram os pedidos dos fans londrinos para que Lizabeth Scott comparecesse pessoalmente à "première" de "O tempo não apaga" (The Strange love of Martha Ivers), que o produtor Hal Wallis se viu forçado a conferenciar várias vezes com os estúdios da Marca das Estrelas, até obter uma decisão favorável aos fans de Liz.

A ultra-alucinante loura que fez sua estréia no cinema em "Amarga ironia", tão depressa recebeu o "O.K." da Paramount, embarcou rumo a Londres, onde recebeu, no cinema Carlton, uma estrondosa manifestação de seus admiradores.

Micose?
Frieiras?
CREMOVAN
Nas Drog. e Farm.
CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

Numeros atrazados desta revista no Pará
pedir a
Albano H. Martins & Cia.
Travessa Campos Sales, 85 -- Belem

Tendo os pés doloridos, todo o seu corpo dói!

Como é martirizante andar o dia todo com os pés cansados e doloridos! Para qualquer mal-estar dos pés — calos, calosidades, joanetes, arcos fracos ou caídos, ardência, cansaço, transpiração, mau cheiro, etc. — existe um remédio do Dr. Scholl: Suporte de Arco, Zino-pads, Bâlsamo Pédico, Redutor de Joanetes, etc., que proporcionam alívio imediato. Todos os produtos do Dr. Scholl são de resultado cientificamente comprovado. À venda em toda parte, por preço insignificante.

O que tôdas as mulheres devem saber

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espêlho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuidas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

"FRENESI"

(Continuação da pág. 25)

jovem que Etienne, venha também confessar-lhe sua estranha paixão, despertada nele, um ojvem de 20 e poucos anos, por uma mulher de mais de quarenta. Ester acredita então na sinceridade da paixão de Etienne. E combina com Etienne entregar-se finalmente aos seus desejos "como ele quiser e por quanto tempo desejar".

À hora combinada, Ester se prepara com uma vaidade que há muitos anos não tem. Vai enfim realizar o seu grande pecado que é ao mesmo tempo a sua primeira felicidade que a vida lhe oferece. Mas quando abre a porta de seu quarto de solteirona para o seu primeiro amor, para Etienne, irrompe pela casa a dentro a esposa fugitiva. Vem desprezada pelo amante, doente pela miséria sofrida e procura refúgio nos braços de Ester, sem saber que esta é sua maior inimiga, pois ama seu ex-marido e não parece disposta a abandoná-lo novamente nas mãos da esposa infiel. E a peça caminha, então, para o seu desfecho, um desfecho vibrante e imprevisto, que mantém a platéia vivamente interessada.

Suiça — A democracia mais que perfeita!

(Continuação da pág. 32)

nico ou manual, por difícil que seja. O país sabe-o e não foge a sacrifício algum para a instrução da juventude, nem para a proteção social dos operários. O trabalhador suíço desfruta de um nível de vida elevadíssimo, pois que sendo o nervo da economia nacional, está retribuindo em proporção à sua importância.

★

A Suíça tem também um lugar de destaque no movimento cultural e no desenvolvimento da civilização humana. É a pátria de Paracelso, o precursor da medicina moderna; de Euler, um descobridor de leis físicas; de Jean Jacques Rousseau, o autor famoso de "O Contrato Social"; de Pestalozzi, o apóstolo da reforma do ensino e fundador da pedagogia moderna; de Amiel, o grande esteta e pensador.

Talvez não seja demasiado mencionar ainda Madame de Staël, poderosa e fina inteligência feminina, escritora temida por Napoleão, que se lamentava de a ter por irreconciliável inimiga.

Entre os artistas de nomeada universal, citemos João Holbein o novo, insigne pintor da Renascença e filho espiritual da Suíça, pois foi em Basiléia que formou o seu pincel e cinzel. Toda a sua obra, incluindo mesmo a executada mais tarde na Inglaterra, está impregnada do espírito suíço.

No domínio puramente humanitário, nenhum homem fez mais do que Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha Internacional.

E nos nossos dias; não existiu o Professor Picard, famoso pelos seus vôos à estratosfera?

Não é da nossa época o pintor Fernando Hodler, objeto das mais apaixonadas controvérsias da parte dos seus conterrâneos, e que se impôs por fim pela força poderosa da sua singular inspiração e maestria? Não conhecemos também Carlos Spittelor, que sendo suíço, muitos consideram como o maior poeta de língua alemã? Não vive ainda C. F. Ramuz, natural do cantão de Vaud, e um dos mais insignes escritores contemporâneos de língua francesa? Não foi agraciado com as mais altas distinções Francisco Chiesa, letrado de extraordinário valor e ilustre filho do cantão Tessino? E as melhores orquestras do mundo não executam com prazer as obras do compositor suíço de vanguarda Artur Honegger? E a dança rítmica, criação de Jacob Dalcroze, não se pratica já em todas as cidades do mundo? Não existe em Paris um Le Corbusier, arquiteto promotor do novo estilo nas construções modernas, de linhas claras e luminosas? Não se concedeu enfim o Prêmio Nobel a um número considerável de suíços, pela sua contribuição ao progresso nas ciências ou para a maior glória das letras?

Mas se todos os valores espirituais da Suíça irradiaram centelhas da sua luz por todo o globo, sempre foram para a Suíça, em procura de inspiração, ilustres representantes do engenho de outros países. Goethe, Stendhal, Chateaubriand, Lamartine, Alexandre Dumas, Mark Twain, Lord Byron, Wagner, Nietzsche, Vilfredo Pareto e ainda muitos outros, foram durante períodos mais ou menos prolongados hóspedes da Suíça, a democracia mais que perfeita.

A vida de Rafael Sanzio

(Continuação da pág. 29)

desejo de amontoar trabalhos, honrarias e riquezas sobre seus ombros muito estimados. E isso foi a sua tragédia. O maior satírico do mundo é o destino. Mata algumas de suas vítimas por excesso de negligência, e outras por excesso de glória. Rafael possuía um gênio super-humano, mas forças apenas humanas. Caiu sob o peso de uma excessiva popularidade. No verão de 1520, foi incumbido de um quadro sobre a **Transfiguração** — a ascenção de Jesus de sua mortal corôa de espinhos para a imortal corôa de ouro. Rafael nunca terminou esse quadro.

Tão súbita foi a sua partida, que até hoje as circunstâncias que a cercaram são duvidosas. A 1º de abril estava ainda firme no trabalho; a 6 de abril estava morto. Morreu numa Sexta-feira Santa, que, por coincidência, foi também o dia de seu nascimento. Tinha exatamente trinta e sete anos.

Num caixão, colocaram junto a ele seu último quadro. Era um admirável símbolo de seu destino, de todo destino humano — vida, ambição, trabalho, morte, transfiguração.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4720
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Loja

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

"Amor"

- UMA TONALIDADE PARA OS LABIOS — UMA SUGESTÃO PARA OS OLHOS...

A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma côr que realmente sugere o seu proprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.

Baton Van Ess

a côr moderna adequada ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação - pó facial e "rouge" atomizado

Os seus criados elétricos trabalham muito por muito pouco

Esqueça as preocupações dos serviços pesados e faça do seu lar um paraiso de confôrto, beleza e distinção. Os aparelhos domésticos General Electric fazem o serviço com perfeição e economia. Basta ligá-los a uma tomada e êles cuidarão silenciosa e eficientemente de todo o trabalho de uma casa.

Procure a G. E. ou um dos seus revendedores autorizados.

GENERAL ELECTRIC

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

(Continuação da pág. 53)

Ausente três semanas de Hollywood, em visita às capitais inglesa, francesa e alemã, Paulette Goddard regressou ao ponto de partida, muito bem disposta e com mais dois quilos.

O objetivo da viagem da encantadora "estrela" ao velho continente, foi entrar em negociações com um estúdio francês, onde deverá ela filmar uma produção, possivelmente em junho do próximo ano.

Paulette, ou seja "Miss Simpatia", já deu início ao seu desempenho em "Unconquered", espetacular drama épico de Cecil B. De Mille, cujo galã é Gary Cooper.

★

A "Fundação Crosby", instituida pelo famoso "crooner" Bing Crosby com o propósito de estimular os inventores a criarem algo novo que torne a vida mais suave, será o tema de um curioso "short" que Jerry Fairbanks produzirá para a Paramount.

Se o filme que Bing está filmando no momento, "A valsa do imperador", ficar pronto a tempo, os estúdios solicitarão ao "crooner" para aparecer naquele "short" da série "Ciência Popular".

AUMENTO DA FAMILIA LADD

Alan Ladd e sua esposa, Sue Carroll, confirmaram os rumores que andavam circulando pela capital do cinema de que eles estavam esperando, para o próximo ano, um aumento na família...

O simpático casal possui já uma linda menina de três anos, chamada Alana, de maneira que a cegonha, se quiser atender aos desejos de Sue, terá que lhe levar um menino...

SECRETARIA DE ESTRELA...

E' muito comum ouvir-se esta pergunta em Hollywood:

— "Que tal ser secretária de uma famosa estrela cinematográfica?"

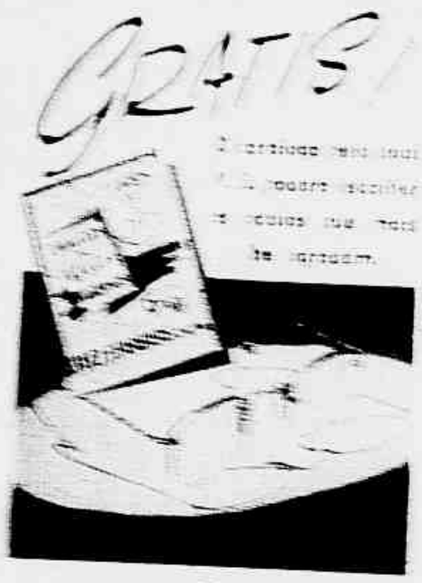
Procuramos então ouvir Miss Eileen Horne, secretária de Diana Lynn, que assim respondeu:

— "E' simplesmente formidável!"

Se bem que confessasse ser árduo o seu trabalho, ela frisou que adora-o. Dá-lhe oportunidade de entrar em contacto com pessoas interessantes, de conhecer casos curiosos e de estar ao par de muitas coisas que os fans gostariam de saber.

Recentemente Miss Horne completou seu primeiro ano como secretária da encantadora intérprete de "Duelo romantico"; festejando o acontecimento Diana e seu noivo, ofereceram-lhe uma ceia no "Mocambo", em Hollywood, presenteando-a ainda, com um cãozinho de raça.

Por esta e outras é que Miss Horne proclama ser seu trabalho o melhor do mundo.

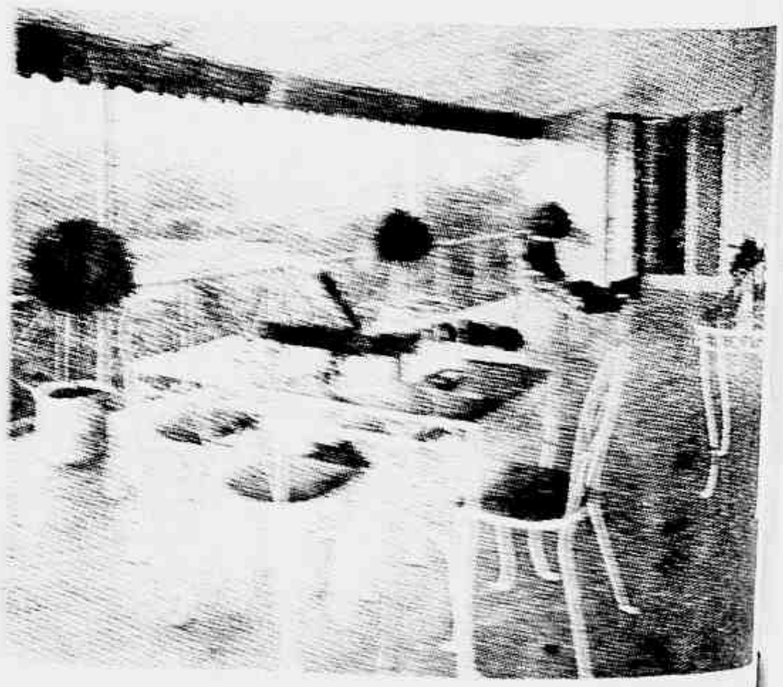


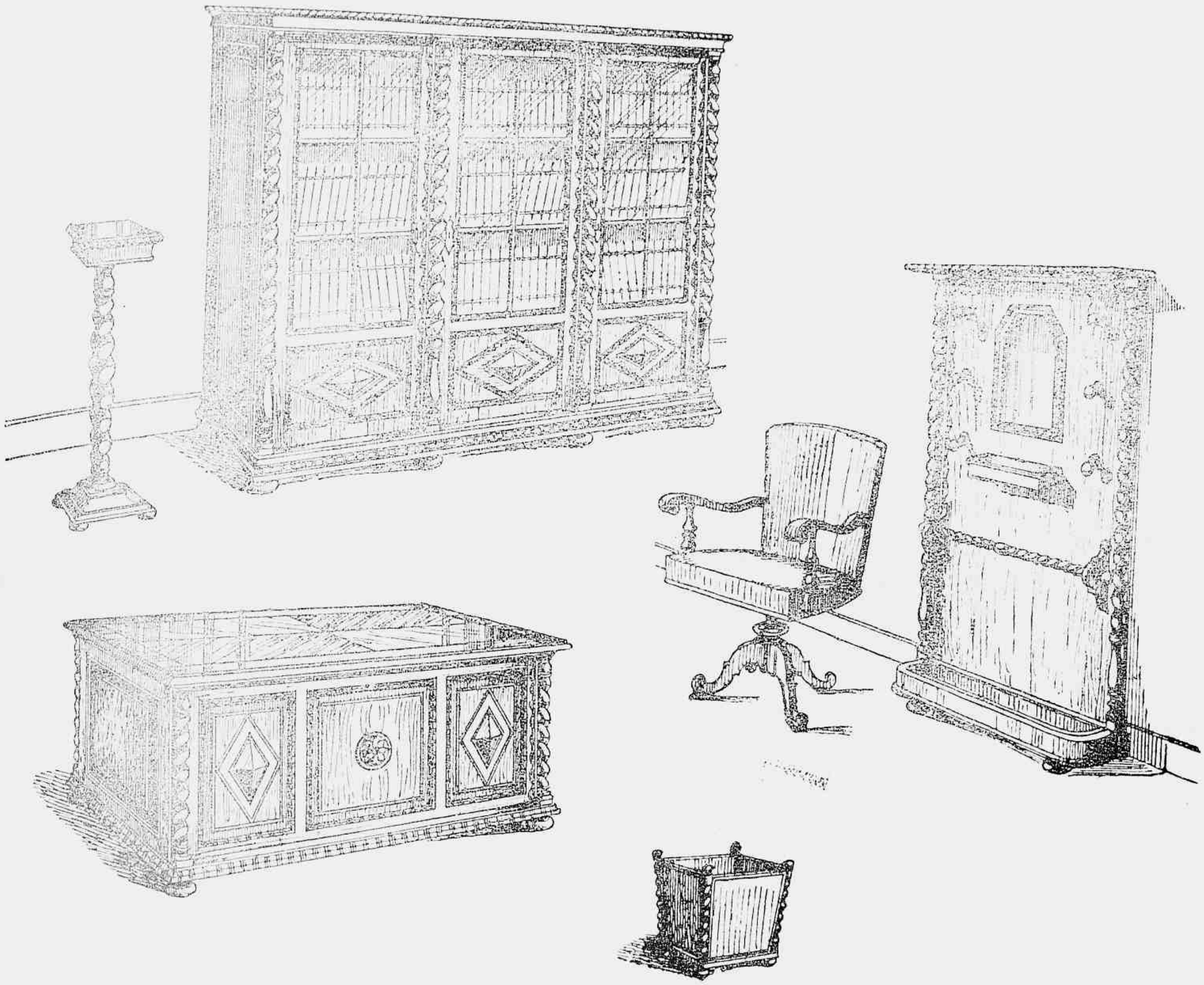
CATALOGOS de
ÓCULOS MODERNOS

LUTZ FERRANDO

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE
ALEXANDRE

VARANDAS MODERNAS





ESCRITÓRIO COLONIAL

Reproduzimos nesta página um interessante modelo de escritório, que também pode ser aproveitado como biblioteca.

O mobiliário é composto de um largo "bureaux", que pode servir também como mesa de leitura, uma cadeira giratória, uma estante que domina quase todo o aposento, um porta-chapéus e uma cesta para papéis.

A madeira utilizada para a confecção dos móveis deverá ser maciça.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Oferta do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" aos seus inúmeros leitores do Brasil e do estrangeiro. A grande edição para 1947, em preparo, oferecerá matéria variadíssima, além de completas informações sobre o ano. Pedidos à CIA. EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15. Rio. Atende-se pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio. Preço : Cr$ 12,00.